

Grotesco ~ UM gótico Épico

por GE Graven



Capítulo XVII



Como anjos em guerra, estrelas mergulharam no horizonte oeste enquanto outras surgiam. e perseguiram-nos na direção oposta. Entre eles, constelações inteiras de Formações titânicas sagradas cruzavam os céus negros; e sob a espada de estrelas de Órion, um par solitário de asas batendo dominava o céu noturno. Num oceano de vento, Lázaro transitava entre os céus e a terra, voando alto sobre a paisagem francesa, avançando, para cima, e adentrando as horas do crepúsculo. A vasta e sempre mutável face do mundo se estendia firmemente sob seus pés, com suas inúmeras florestas, campos, colinas, vales, riachos e rios. E enquanto toda a Criação avançava diante dele, sua migração para o leste jamais vacilou. Nem sua fiel determinação vacilou — buscar um frade e cumprir a solene promessa de um escudeiro a um sacerdote há muito falecido.

Contudo, os céus já não o saudavam, pois uma fina linha vermelha do amanhecer se desenhava nitidamente no horizonte leste. Lázaro deslizou dos céus antes de avistar o marco que buscava. Ao longe, uma larga e sinuosa faixa negra serpenteava por um vale coberto de copas de árvores — era claramente o Rio Loire.

enquanto reunia informações sobre sua semelhança e localização aproximada a partir dos diversos mapas da Abadia. Ele se aconchegou no coração do vale do rio e sobrevoou a copa das árvores. Sobre o rio e além da mata, fez uma curva acentuada e desceu ainda mais antes de nivelar diretamente sobre a superfície agitada. E na profunda sombra do vale, Lázaro seguiu a artéria negra em direção ao Golfo de Leão.

Dentro de suas asas, ele sentiu um novo arrepio vindo do ar frio que envolvia o vale do rio. O ar úmido estava fortemente impregnado com um fedor pantanoso: a mistura de odores de ervas daninhas em decomposição, madeira podre, poças de lama estagnada, fungos e peixes mortos, porém reidratados, denunciava uma chuva recente. Lázaro se manteve junto à margem leste do rio, buscando um refúgio ao alcance do sol nascente. Contudo, as margens pantanosas não passavam de um par de ombros erodidos sobre os quais árvores debruçadas disputavam espaço. Muitas delas permaneciam sem vida e inclinadas, enquanto outras exibiam raízes expostas que se espalhavam como pernas abertas, oferecendo apenas tocas encharcadas de animais entre elas. Com o amanhecer já sobre ele, e sem encontrar nenhum abrigo aparente, apressou o passo.

Lázaro contornou uma curva do rio e avistou um afluente em sua margem oeste. Uma estreita veia ramificava-se do rio Loire, envolta em escuridão e quase oculta por um dossel de vegetação densa, semelhante a uma cortina. Ele fez uma curva acentuada, cruzou. O rio, rasgando a vegetação rasteira, serpenteava pela veia lamacenta, desviando de galhos retorcidos e troncos caídos. Abaixo dele, a água parada do riacho era um espelho negro e uma lembrança — um marcador de tempo, até. Em sua face, ele via a silhueta projetada das copas das árvores, seus galhos se estendendo escuramente contra o crescente brilho vermelho do reflexo do céu. Ele estava perdendo tempo; sabia que o sol era implacável; e com determinação sombria e resolução pétrea, Lázaro avançava cada vez mais fundo no deserto estígio.

O estreito curso d'água serpenteava pela mata como um galho retorcido, suas margens deformadas e confusas com outros riachos adjacentes e sinuosos, ladeados por vegetação aquática. enseadas e cavidades obstruídas por musgo. Ainda mais fundo, as margens davam lugar a terras baixas, com o solo tão completamente alagado em todas as direções que não deixava vestígios visíveis de um curso d'água — parecia que a floresta brotava de uma folha de vidro negro. De fato, Lázaro se viu profundamente perturbado pela luz mortal da aurora e seu reflexo aquoso, igualmente eficaz. Completamente, ele estava preso entre a luz e a escuridão, voando em uma floresta repleta de galhos e pairando sobre as águas.

de profundidade indefinida. No entanto, ele seguiu o caminho sinuoso onde as árvores não crescer, na esperança de se manter fiel ao verdadeiro curso do riacho.

Ele prosseguiu avançando pela mata alagada, com bosques de árvores passando velozmente por ambos os lados como paredes negras, contorcidas e trêmulas. Por fim, o céu e as águas ardiam em um tom carmesim, parecendo oceanos de sangue em lados opostos. O frio há muito abandonara suas asas e seu rosto agora ardia como se exposto a um vento quente. Lázaro apertou os olhos, observou a distância e avistou o que esperava: o riacho começou a se redefinir, erguendo seus lombos lamacentos para fora da água. Mais adiante, emergiu de seu antigo túmulo aquático, erguendo-se verticalmente e com maior definição, mostrando-se mais largo, reto e determinado. À medida que as terras baixas alagadas recuavam, a antiga veia lamacenta se remodelou em uma ravina — em um riacho — e então em um rio que fez a mata recuar. A densa vegetação do pântano se escondia atrás de fileiras de capim-de-rio alto e pendente, e, intercaladas entre as gramíneas, hastes eretas se elevavam ainda mais, suas pontas voltadas para o céu oferecendo plumas cinzentas e volumosas em direção aos céus. Ele prosseguiu voando, mantendo um curso reto e estreito sobre o coração do curso d'água.

E então, surgiu na margem norte do rio como uma aparente dádiva divina que repentinamente saltou à vista. Lázaro passou por ela, mas circulou amplamente sobre a água antes de se instalar entre as ervas daninhas de um talude encharcado. Recolheu um par de asas cansadas, inclinou-se para trás sobre os calcanhares, fechou os olhos para o céu em chamas e respirou fundo, buscando arfar. Então, curvou-se e apoiou as mãos nos joelhos, ofegando pesadamente enquanto gotas de suor pingavam incessantemente da ponta do seu nariz. Ele voltou sua atenção para a margem do rio e encontrou uma rede de pesca esfarrapada parcialmente flutuando, o resto submerso na lama da margem. Dentro da água, presa sob a rede, Lázaro avistou o que parecia ser a cabeça de uma menina. Com a boca aberta, ela o encarava fixamente com olhos sonolentos. E como mil minhocas minúsculas se agitando em uníssono, seus cabelos espalhados se moviam na esteira das ondas, fluindo como uma representação surreal de animação em uma parte do corpo que, de outra forma, estaria imóvel. Mas aquilo apenas o intrigava — era a cabeça afundada de uma boneca quebrada.

Ali perto, junto à margem coberta de arbustos, ele avistou os restos de um barco decrepito, com as tábuas da proa encharcadas e separadas, estendidas contra a costa.

e parcialmente escondida sob lama e ervas daninhas. Lázaro se levantou e se aproximou para encontrar um rastro de poças d'água, que pareciam corresponder às marcas de botas pesadas de um homem. Seus olhos as seguiram por uma trilha de ervas daninhas achatadas em direção a uma porta de madeira, encostada na esquina de um sólido edifício de pedra. Apesar das pegadas recentes, a área parecia abandonada. A estrutura estava tomada por trepadeiras viçosas e mudas vigorosas; e, em sua aparência pitoresca, o edifício poderia parecer vítima de uma floresta faminta, sendo lenta e completamente engolido. Contudo, sua fachada não estava totalmente devastada. Ao longo das bordas superiores de suas paredes externas, duas fileiras de vigas apodrecidas se projetavam de sua estrutura rachada, mas, de resto, estável. Abaixo das fileiras paralelas de vigas salientes, manchas retangulares sugeriam a antiga existência de janelas, seladas com pedras mais recentes. Apesar de seu estado de abandono, para Lázaro, o edifício parecia um santuário abençoado, protegido da luz do dia. Ele olhou para o céu avermelhado, observou as pegadas e refletiu sobre a melhor maneira de explicar por que um cristão alado precisava se esconder da luz divina.

“O lugar sagrado, lá dentro?” Lázaro gritou, afastando as ervas daninhas com cautela. Bateu à porta. “Posso falar com você?” Ele aguçou os ouvidos e escutou atentamente o interior, tentando captar os sons. “Há alguém aí?” Não ouviu nada, exceto o zumbido constante dos grilos nos arbustos ao redor e o distante respingo, talvez de uma tartaruga assustada. Lázaro pressionou a mão contra a porta, abrindo-a parcialmente antes de perguntar em voz alta: “Tem alguém aí?” Uma aranha fugiu apressadamente de dentro e passou correndo por ele. Ele também passou pela porta, entrando em um interior completamente escuro. “Oculto, aqui dentro?”

Imediatamente, Lázaro saiu cambaleando da porta, com a mão sobre a boca, sufocando com o fedor talvez mais horrível e nauseante de toda a Criação. Apressou-se, fugindo por entre as ervas daninhas enquanto engasgava, quase vomitando. Então, virou-se, ainda tossindo, enquanto inspecionava a porta novamente. De repente, uma revoada de moscas saiu fervendo da boca aberta do prédio para se juntar a ele. Juntas, elas circulavam sua cabeça como uma espécie de halo zumbindo, surreal e etéreo. Lázaro deu um tapa... Ele olhou para eles. Olhou para leste, espreitando através de uma estreita cavidade entre os ciprestes para descobrir os primeiros raios de luz incidindo na altura da parte superior da copa das árvores. Rio acima, ele não viu nenhum outro refúgio — apenas margens lamacentas e matagais densos que se projetavam sobre a água. A queimação constante contra sua pele era insuportável, uma lembrança do amanhecer. Ele se virou para a porta escancarada e provocante do prédio, que parecia exalar um suspiro.

Um hálito constante e rançoso, talvez comparável aos chiados fétidos de um cão moribundo. Ele franziu a testa, endireitou os ombros, respirou fundo e voltou a entrar no prédio. Lázaro fechou a porta enquanto o odor e a escuridão o consumiam.

Com a mão sobre o nariz e as costas voltadas para a porta fechada, ele permaneceu imóvel, permitindo que suas pupilas, por um instante, desvendassem as camadas de escuridão e discernissem as facetas internas do recinto: um piso de pedra; algo parecido com uma mesa; outra mesa; outra porta.

Seus olhos lacrimejavam por causa do fedor, que parecia impregnar o ambiente ainda mais do que a escuridão, o odor queimando seus olhos como a fumaça da chaminé do inferno. O som ininterrupto de estalos e zumbidos preenchia o ambiente. Ele enxugou os olhos e voltou a focar o olhar no chão e nas paredes carrancudas, cujas superfícies pareciam se agitar na escuridão. Não eram seus olhos lacrimejantes que lhes davam aquela aparente ondulação; pois seus rostos realmente se moviam — inundados por moscas e ondas de baratas que quase os engoliam por completo.

Na aparente escuridão fervilhante, mais características da estrutura do edifício começaram a tomar forma. Acima, Lázaro avistou fileiras de vigas de madeira arqueadas. Em conjunto, elas poderiam ter se assemelhado a uma caixa torácica oca e extensa, suspensa sob um teto ainda mais alto. Uma infinidade de cordas e correntes pendiam delas por toda parte, com as extremidades adornadas por uma miscelânea de ganchos e farpas de metal. Em muitas delas, peixes mortos pendiam — enrolados, achatados e secos. E sobre todas elas, talvez um milhão de moscas brincassem em seus olhos implodidos.

Lázaro caminhou em direção ao centro da casa de peixes, afastando correntes pendiam baixas e tilintavam em seu rastro. Parou ao lado de uma mesa retangular de madeira que centralizava o recinto como uma ilha em si mesma. Toda a superfície da rústica peça estava marcada por profundas impressões lineares e sulcos irregulares sobrepostos, como se tivesse sido submetida a repetidos golpes e cortes de lâminas. Passou o dedo sobre a superfície manchada e corroída antes de reexaminar as paredes do edifício.

Sobre eles, ele notou uma fileira de suportes para tochas, semelhantes aos que se lembrava de ter visto nas catacumbas da Abadia. Voltou-se para a entrada e viu um balde alto ao lado, encostado na parede. Dentro dele havia uma série de tochas de madeira invertidas. Ao lado do alto

O balde era um balde menor, com tampa — presumivelmente, um alambique de óleo para abastecer as tochas.

Ele se virou e examinou as áreas mais escuras do prédio, olhando além das carcaças de peixe retorcidas em direção à parede dos fundos. Uma longa bancada ocupava toda a sua extensão. A parte superior da bancada estava coberta de utensílios para esfolar, cabeças de peixe ressecadas e torrões de sal. Debaixo da mesa e no chão, ele viu pilhas de roupas cuidadosamente dobradas — principalmente robes e vestidos, cobertos de fezes de rato. As peças de roupa mais acima pareciam ter sido dobradas recentemente; no entanto, mais abaixo e mais perto do chão, as roupas revelavam sinais de grave deterioração. Ao lado das pilhas de tecido, uma fileira de sapatos cuidadosamente dispostos alinhava-se sob a bancada. Alguns eram novos; outros, velhos; e outros ainda, esfarrapados, como se roedores tivessem feito buracos neles. Mesmo assim, estavam em perfeita ordem, junto com o restante dos sapatos e roupas. Surreal, talvez – até mesmo sinistro. Mas talvez o que Lázaro achou mais sobrenatural na parte de baixo da mesa foi que, entre os pés dela, ele viu extremos de ordem e decadência compartilhando o mesmo espaço.

Lázaro espantou as moscas do rosto, engasgou com um vômito seco e dispensou a bancada. No entanto, não conseguia se livrar tão facilmente do ar rançoso ao seu redor, pois o odor... Era um odor que grudava na pele e sufocava a respiração, capaz de irritar a garganta de qualquer homem a ponto de quase causar uma dor insuportável. Ele vasculhou o resto do recinto, convencido de que o cheiro horrível não emanava de peixe seco, mas talvez de... uma fonte úmida e ainda mais repugnante. Seus olhos seguiram um enxame de moscas em direção ao sul. parede, e em direção a uma porta alta e esfarrapada com uma pesada tranca de metal. Ele aguçou os ouvidos e escutou um zumbido constante que vinha de trás dela. Então, baixou o olhar para a fresta da soleira e viu muitos insetos entrando e saindo, como abelhas de uma colmeia movimentada. Lázaro inclinou a cabeça e considerou que a fonte, que contaminava o ar, estragou tudo por trás da porta marcada.

A curiosidade o aguçou, mesmo enquanto a lembrança da voz imponente de Ivan ecoava em sua mente, alertando-o sobre o proibido Túnel de Benion, dizendo: 'Nunca, este, Lázaro. Você é livre para percorrer todas as catacumbas, exceto esta — nunca.' esta aqui.' No entanto, talvez a verdade nua e crua da Curiosidade residisse em sua capacidade de evocar tentação suficiente para alimentar desejos tão selvagens quanto os de qualquer coração bestial. Além disso, que besta seria capaz de seguir a fria disciplina da vontade?

Ignorância, até mesmo ignorar a angústia de sua ardente curiosidade? Lázaro atravessou correntes tilintantes e caminhou em direção à porta alta enquanto um mar de mosquitos e peixes de papel se fechava atrás dele. Ele destrancou a porta alta e a escancarou.

Tum! Pum-pum-pum! Lázaro saltou para o lado e sibilou para uma cabeça que caiu e rolou sobre as lajes. Subitamente atrás dela, uma nuvem de insetos rugiu da porta aberta, subindo até as vigas como um milhão de pequenos anjos exoesqueléticos, libertados. A cabeça da mulher balançou imóvel e olhou para Lázaro com olhos leitosos, seu pescoço derramando larvas em um monte cremoso. Lázaro girou e fechou os olhos, como se isso pudesse ajudar a libertar seus sentidos e impedir que o evento horripilante invadisse sua memória. Contudo, como todos os eventos passados que ele conseguia recordar tão vividamente, era tarde demais, pois sua lembrança perfeita era tanto uma dádiva quanto uma maldição, a ponto de exigir que ele se detivesse nos mínimos detalhes até mesmo dos piores eventos de sua vida — como agora, com seu monte cremoso.

Lázaro tossiu, engasgando com os mosquitos. Virou-se para a porta alta e esfarrapada e aproximou-se com cuidado. Através da porta aberta, descobriu uma sala adjacente muito larga, porém estreita, que parecia ocupar toda a extensão da parede sul. Ciente de que estava em uma casa de peixe, Lázaro deduziu a provável razão para a existência da sala: ela servia como um compartimento separado e mais higiênico para o armazenamento de peixes salgados e curados. Contudo, atrás de uma porta fechada, a sala estreita parecia ter uma função oposta, impedindo que seu conteúdo contaminasse todo o edifício. Com a porta agora aberta, Lázaro encontrou o chão do quarto coberto por cadáveres nus e decapitados. Talvez cinquenta ou mais, todos corpos de mulheres, de tamanhos variados. E todos estavam em uma formação precisa, com os braços ao lado do corpo e os orifícios do pescoço voltados para o norte, em direção à porta. No geral, os restos mortais poderiam ter se assemelhado a uma pilha de lenha meticulosamente alinhada — ou a uma pilha de roupas dobradas, ou mesmo a uma fileira precisa de sapatos. E, assim como as roupas, os cadáveres exibiam graus graduais de degradação, à medida que, cada vez mais perto do chão, as características corporais distintas se misturavam em um caldo escuro de decomposição avançada. A camada inferior era uma massa contínua que lembrava piche fervente, fervilhando de insetos. E no topo de toda aquela pilha horrenda, cabeças sonolentas jaziam, encarando o nada, talvez a mais desesperançosa de todas as condições h

“Argh!” Lázaro recuou rapidamente, pegou a cabeça que estava fora do lugar e a atirou de volta para dentro.

Ele entrou no quarto e bateu a porta alta com força. Cambaleou em direção à mesa que ficava no centro da estufa, com a cabeça girando. Mais uma vez, examinou o recinto imundo e seus olhos pousaram na tentadora porta externa. Atrás dela, sabia que o ar era puro e o chão livre de formigas e baratas. Contudo, com o suave brilho vermelho que emanava de baixo da soleira, também sabia que a Morte rondava a porta. O amanhecer finalmente chegara — a estufa seria seu refúgio pelo resto da noite naquele dia. Ele espantou os insetos de suas botas, subiu na mesa e inspecionou brevemente as vigas antes de saltar entre elas. Ele se acomodou sobre as vigas e se esticou, ficando de frente para baixo. Ali ele jazia, a salvo da carruagem flamejante dos céus e do chão infernal coberto de insetos. E naquele exterior Em estado de limbo, suspenso entre o Céu e o Inferno, Lázaro escapou para um lugar mais... Um mundo de sonhos acolhedor.

~*~

Tum-tum-shhh! Tum-tum-shhh! Lázaro se mexeu ao ouvir uma série de sons inquietantes e antinaturais que poderiam ter se assemelhado aos de uma grande besta rastejando por um terreno encharcado, batendo repetidamente suas pesadas patas dianteiras na lama e arrastando sua traseira sem vida. Lázaro ouviu a respiração pesada entre os degraus e lembrou-se de um dia no Poço das catacumbas da Abadia, quando o Escudeiro Thateus acreditou que um monstro havia atacado o Escudeiro Miguel. De fato, Lázaro agora ouvia ruídos semelhantes àqueles, que ele imaginou pertencerem a uma besta marinha ofegante e ferida, lutando para se erguer da costa e encontrar seu lugar definitivo para apodrecer.

Lázaro virou-se de lado e fez uma careta, esfregando-se onde o peso suspenso pressionava seu peito e pernas contra as vigas. Levantou-se e agachou-se sobre elas, encarando o limiar da porta externa e seu brilho avermelhado. A luz carmesim que ele outrora recordara agora se projetava em um tom diferente de vermelho — um vermelho moribundo — e ele sabia, pela dor persistente nas vigas, que o amanhecer finalmente havia se transformado em crepúsculo. "Em breve, o céu noturno seria dele", assegurou a si mesmo. Contudo, avistou sombras passando enquanto rompiam o brilho da soleira. Os ruídos aumentaram. Prendeu a respiração; seu coração disparou. Se a porta se abrisse e permitisse que ao menos um tênue raio de luz se refletisse —

Boom! A porta se abriu de repente. Uma fonte de luz solar invadiu o chão, abrindo uma passagem.

Um mar revolto de baratas. Ondas de insetos ondulavam nas sombras. Lázaro virou o rosto queimado de sol e fechou os olhos. Fez uma careta e cerrou os dentes, permanecendo imóvel como uma estátua. Em seu estado de cegueira e cautela, ouviu a perturbação inquietante chegar até a casa dos peixes — como se a besta marinha, arrastando-se e ofegando, tivesse achado o interior fétido do prédio um lugar mais atraente para morrer. Contudo, o som aparente das patas dianteiras de uma besta se transformou no ruído mais distinto das botas de um homem batendo nas lajes. As dobradiças das portas rangeram e a luz ofuscante do dia diminuiu. Lázaro abriu os olhos. Olhou para baixo e... Encontre um homem de costas para o interior da casa de peixes, espiando pela fresta da porta quase fechada. Ele se comportava de maneira suspeita ou... Homem travesso, que se escondia por dentro e espionava por fora.

Das sombras acima das vigas, Lázaro viu as costas do intruso: um homem corpulento com uma vasta cabeleira negra e oleosa. Manchas de lama marcavam a barra de sua túnica cor creme; e abaixo dela, Lázaro avistou um par de botas pretas semelhantes às suas, cobertas de lama. Uma trilha de pegadas enlameadas partia das botas do homem em direção ao centro da sala. Somente ao olhar para a mesa danificada, Lázaro encontrou a provável causa do som de arrasto que ouvira anteriormente — ele viu uma mão mole e delicada estendida no chão. Contudo, de seu ponto de vista, Lázaro não conseguia ver mais nada do braço ou do corpo do dono, já que o longo tampo da mesa obscurecia toda a visão, exceto a da mão pálida. Mesmo assim, ele não ousou tentar obter mais detalhes e arriscar ouvir o rangido das vigas.

Por fim, o homem afastou-se furtivamente da porta e recolheu tochas do balde alto. Em seguida, abriu a tampa do balde menor, molhou as tochas em óleo e percorreu o perímetro da casa de peixes, encaixando-as nos suportes fixados na parede. Com alguns estalos de uma caixa de isqueiro, incendiou todo o recinto com as chamas das tochas. Depois, voltou à porta exterior e espiou brevemente para fora antes de a fechar com uma robusta barra transversal. Finalmente, virou-se e fitou a bancada encostada à parede do fundo, com as suas pilhas organizadas de roupas e sapatos. Bateu palmas uma vez e levou as pontas dos dedos das mãos em oração aos lábios sorridentes, como que a apreciar a mesa farta de um banquete. Lázaro observou os detalhes mais sutis de suas feições: tez morena, barba negra e fina, olhos escuros e um nariz proeminente, semelhante a um bico. Embora o rosto do homem parecesse estranho a Lázaro, a característica mais perturbadora residia na

O espaçamento anormal entre os olhos — em um rosto aparentemente tão carnudo, os olhos estreitos do homem transmitiam um olhar ciclópico bastante perturbador.

Imediatamente, a expressão do homem mudou; seu sorriso se transformou em uma carranca sob uma testa franzida. Ele avançou, ergueu uma mulher sem vida do chão e colocou o corpo longitudinalmente sobre a mesa. Apoiou os braços da mulher ao lado do corpo e a posicionou no centro da mesa, ajustando sua postura como bem entendia, como uma boneca em tamanho real. Enquanto Lázaro a olhava, ela pareceu retribuir com um olhar arregalado de olhos azuis que gritava com um profundo desespero. Contudo, o terror transmitido Seus olhos contrastavam fortemente com a expressão satisfeita de seu rosto relaxado — ela parecia encará-lo com emoções conflitantes de repulsa e autossatisfação, igualmente marcadas pelo olhar aflito e pelo sorriso sutil no canto dos lábios. E lá estava ela, olhando para ele, penetrando-o com o olhar, talvez até mesmo nos confins do Paraíso, enquanto o homem começava a tirar suas roupas. Com cuidado e meticulosidade, os dedos do homem se moviam como os de uma mãe amorosa com sua filha acamada, dobrando rigorosamente cada peça de roupa e empilhando-as ao lado do cadáver amarrado à mesa.

Lázaro cambaleou e agarrou-se a uma viga para recuperar o equilíbrio. Levou a mão à boca e estremeceu com uma onda inesperada de náusea que o atingiu. Em meio ao zumbido constante de moscas e estalos de insetos, Lázaro ouviu cada respiração pesada do homem, com seu gorgolejo constante de catarro; e observou os dedos gordos do homem enquanto ele alisava e dobrava graciosamente a última peça de roupa. Para Lázaro, os dedos não pareciam ser os de um pescador experiente, pois pareciam rechonchudos e delicados; ao contrário dos dedos mais longos, finos e de pele mais grossa de seu pai — ou dos seus próprios, aliás.

O homem carregou as roupas e os sapatos do cadáver até a parede dos fundos, onde os colocou debaixo da bancada, entre a coleção organizada de outras vestimentas humanas. Ali permaneceu, de costas para Lázaro, ocupado com os objetos em cima do balcão. Lázaro sobressaltou-se quando o homem gritou por cima do ombro: “Eu sou o Pescador — o Pescador de todos os Homens; e você não sairá daqui! Não; ninguém escapa da casa do peixe, uma vez lá dentro — ninguém !”

Lázaro prendeu a respiração.

O pescador prosseguiu: "Você não acredita em mim?"

Lázaro recusou-se a responder e o homem cravou a ponta de uma faca de desossar no tampo da bancada, gritando: “Pelo seu silêncio contínuo, presumo que você não...” Acredito nisso. No entanto, eu lhe ensinarei o contrário. Ninguém pode se esconder de mim; nem mesmo você. Eu vejo tudo — especialmente as obras e os atos do Diabo!

Contudo, o pescador recusou-se a olhar para Lázaro, mantendo-lhe as costas e juntando torrões de sal num monte, antes de os esmagar até formarem um amontoado de grânulos finos. Em seguida, juntou o sal solto na palma da mão e esfregou-o nos braços e no pescoço, como se estivesse a banhar-se. E, num súbito acesso de sons de engasgo exagerados, expeliu uma secreção da garganta e cuspiu-a ao lado da bancada. As baratas fugiram. “Vou perguntar só mais uma vez”, gritou o pescador, agarrando a faca que estava sobre a mesa gritou: “Não acredita em mim, criatura demoníaca? Responda-me !”

Sentindo-se completamente exposto no teto aberto e ficando cada vez mais tonto, Lázaro admitiu a derrota. Suspirou e refletiu sobre sua apresentação como um cristão voador .

O homem saiu correndo da bancada, brandindo a faca enquanto agarrava o cadáver nu pelos cabelos. “Responda-me, bruxa!” Ele sacudiu a cabeça da mulher morta , pressionou a lâmina contra seu pescoço e gritou: “Você acredita em mim agora?”

Lázaro apertou as traves, olhou entre as pernas e para os acontecimentos aparentemente fantásticos que aconteciam abaixo dele.

“Ah! Então agora você confessa”, exclamou o pescador para o cadáver; “Quando tudo está perdido — quando você não tem defesa à mão!” Então, novamente, como uma mãe amorosa, ele sacou um Deu um suspiro profundo e sorriu antes de ajeitar suavemente os cabelos dela, dizendo: “Descanse em paz, Minha querida.” Ele lambeu a parte branca do olho dela e a consolou ainda mais, e num sussurro fraco que Lázaro ainda ouviu: “Não precisa chorar. Bruxas não devem chorar — só as florzinhas sentem suas tristezas.”

Lázaro observou o pescador retornar à bancada. O homem afiou sua faca. A lâmina contra uma tira de afiar enquanto ele gritava de volta, aparentemente para responder a uma pergunta não formulada da mulher morta: “Sim, você é — e mais bonita do que a maioria.” Por que?”

A cabeça de Lázaro girava; seu estômago revirava. Moscas preguiçosas importunavam seu rosto.

O homem deu uma risadinha para si mesmo, acrescentando em voz alta: "Nunca com você, moça. Você não pode me tentar. Eu entendi seu truque: fingir ser uma flor apenas para esconder as sementes do mal."

Lázaro conteve uma tosse. Ele examinou o interior do prédio. Só então percebeu o motivo de seu enjoo, à medida que a fumaça das tochas subia e se acumulava no teto, roubando-lhe o ar — ele não podia permanecer no sótão.

Ele olhou para o umbral da porta externa e viu uma dose letal dos últimos raios de sol ainda penetrando do lado de fora — não havia como escapar facilmente da cabana de peixe. Virou-se e lançou um olhar para a porta alta e esfarrapada antes de voltar a atenção para as costas largas do pescador, mesmo enquanto a crescente vontade de tossir se tornava cada vez mais evidente. Não conhecia outra alternativa, a não ser um confronto direto e uma apresentação convincente de si mesmo.

Ele se moveu furtivamente, apoiando as mãos na madeira enquanto se abaixava delicadamente sobre o corpo da mulher morta. Em seguida, firmou os pés de cada lado dela enquanto se equilibrava sobre a mesa. Seus olhos nunca se desviaram do pescador enquanto ele se agachava sobre ela. Prendeu a respiração e reuniu toda a força de seus membros, contorcendo a postura e deslocando o centro de gravidade, até que suas botas tocaram o chão silenciosamente. Ele caminhou como um gato em direção à porta externa gradeada, parando pouco antes de chegar à soleira iluminada. No entanto, antes que pudesse se virar — antes que pudesse levantar a mão e se conter — tossiu.

Lázaro e o pescador se viraram um para o outro. Por sua vez, o homem assustado Ele perdeu a faca quando esta girou sobre as lajes, parando ao cair contra a parede norte. Lázaro desviou o olhar da faca, abriu as asas e sibilou para o pescador.

"Fiquem longe!" gritou o homem, recuando em direção à parede sul.

Lázaro se recompôs, recolheu suas asas e permaneceu de guarda da porta, que ele Não podia pagar ainda, abriu-se à luz do dia. "Permaneça onde está."

"Ah, sim, vou fazer isso... aqui mesmo... bem aqui, se você quiser", gaguejou o homem, dando um tapinha no... Pedras da parede ao seu lado. Baratas fugiram. Ele lançou um olhar furtivo através do prédio, para onde sua lâmina de esfolar estava.

O olhar de Lázaro seguiu o dele; ele rosnou. "Deixe isso aí!" Seus olhares se encontraram por cima da mesa central e do cadáver. "Sente-se onde está." Contudo, como o homem permaneceu de pé, Lázaro acrescentou: "Logo partirei. Se você se sentar, eu também me sentarei; e nenhum mal nos acontecerá." Juntos, os dois se agacharam lentamente e, assim que seus olhares passaram por baixo do cadáver e da mesa do açougueiro, reencontraram o olhar fixo um do outro. E ali permaneceram sentados, um de cada lado, contemplando silenciosamente a presença um do outro.

Por fim, Lázaro verificou novamente o limiar atrás de si, com seu brilho já fraco.

"Você está esperando o anoitecer, não é?" perguntou o pescador.

"Em breve, eu os deixarei", declarou Lázaro.

O homem assentiu. "Talvez você deva. A noite cai logo." Ele gemeu e se ajeitou, sentando-se firmemente no chão. Encostou as costas na parede e ergueu os joelhos, apoiando os braços sobre eles. "Como você conseguiu entrar por uma porta selada? Essa bruxa o conjurou? O que você é? Algum tipo de demônio?"

"Eu me acomodei nas vigas do telhado. Não sou um demônio."

"Ah! E claro que você não seria um demônio; no entanto, suas asas e dentes levantam essa questão." O homem pigarreou e se apresentou: "Amad, eu *sou... Amad Gaston*; filho de *Barabass Gaston*. Se me permite perguntar, por qual nome?"

Você é conhecido?

"Lázaro — um homem voador", respondeu ele secamente.

O homem inclinou a cabeça lenta e profundamente. "A honra é minha, Lázaro; o homem voador."

Lázaro fez uma reverência curta de retorno.

O curioso pescador quebrou o silêncio persistente entre eles, dizendo: "Embora eu seja um excelente pescador, um escriba versado e conhecedor de muitas maravilhas, De todo o mundo, devo confessar que sua aparência alada perturba profundamente minha sensibilidade. De fato, se eu fosse apenas um homem comum temente a Deus, poderia jurar que você é o próprio Diabo." Ele deu de ombros. "Contudo, como não sou esse homem, e como tal, você não pode ser o Diabo, talvez eu deva considerar este encontro fortuito como uma lição para mais uma maravilha do mundo: a de um homem voador em carne e osso."

Ele se inclinou para a frente e assentiu. "Você está falando a verdade? Você é apenas um voador

Homem, e você estará a caminho em breve, não é?"

"Eu não minto", respondeu Lázaro. "Sou um cristão voador; e em breve partirei ."

"Bem, eu não sou cristão", proclamou o pescador. "Contudo, também não minto; sendo o homem bom e honrado que espero de mim mesmo." Com a testa erguida, ele jogou o cabelo para trás, como se quisesse mostrar um lado melhor de si mesmo. Então, ele estendeu as unhas, inspecionando-as. Em seguida, franziu os lábios, colocou um dedo sobre eles e ponderou — talvez para exibir uma expressão exagerada de suas habilidades impecáveis. "Ah!" Estalou os dedos e apontou para Lázaro. "Descobri o nome dele."

"Nome?"

"Sim; o título do verso que escreverei sobre meu encontro com você. Será uma obra cativante." Ele sorriu com ar de superioridade. "E o mundo inteiro se maravilhará com ela." Ele abriu os braços em direção ao teto e os acenou amplamente, como se quisesse se dirigir a todo o céu. "E o versículo se intitulará: '*O Demônio Alado, Que Se Diz Cristão*'."

"Isso seria uma mentira; e você afirma não mentir", declarou Lázaro.

"Será mesmo? Veja bem, até um demônio poderia afirmar que não mente. E qualquer homem temente a Deus, que o visse, poderia jurar que você é um demônio."

"Mas você disse que não teme a Deus."

"É verdade; no entanto, aqueles homens que porventura lessem tal versículo... bem, eles temem a Deus." Ele deu de ombros. "Talvez a questão se resuma a isto: a palavra de um homem voador, que se declara temente a Deus, contrapõe-se à palavra do resto do mundo temente a Deus, não é?"

"Eu não sou um demônio. Criar um registro falso como esse seria uma mentira", repreendeu Lázaro .

"A quem? Como pode uma única afirmação refutar cem afirmações em contrário?"

Como podes estar certo e cem homens estarem errados? Serás tão divino a ponto de fazer tal afirmação?

"Eu sei desta verdade mais do que qualquer um poderia presumir saber: sou um cristão voador — não um demônio que finge não ser um demônio."

"Mas quem pode contrapor a voz de cem à de um só?" Ele inclinou a cabeça para o lado.

"Cem homens podem estar errados, inclusive eu, se presumirem erroneamente aquilo que está certo."

"Ah, esplêndido!" exclamou o pescador, batendo palmas. "Em suas poucas palavras."

Em defesa, você refutou as alegações de mil e mil homens!

Lázaro fez uma careta. "O que você está fazendo?"

"Estou falando com você. E estou sentado, como você pediu."

"Não; por que você faz o que faz com eles?" Ele apontou para o cadáver.

"Ah, a bruxa", respondeu ele com um gesto petulante, "São todas iguais, sedutoras."

Homens de bom coração usam seus melhores desejos para obter ganhos perversos. Não lhe dê ouvidos.

"Você a matou?"

O homem deu uma risadinha. "Caçadores de bruxas matam bruxas, meu bom homem. É o que fazemos."

E sendo o cristão que você afirma ser, já ouviu falar de inquisições sobre bruxas, não é? Ele apontou para os dois e perguntou ainda: "Se eu não me humilhar para assumir o comando, quem o fará? Você?"

"Você faz isso pela Santa Sé? A Igreja mandou você assassinar mulheres?"

"Bruxas, feiticeiras, bruxas e lançadoras de feitiços não são mulheres; eu não mato mulheres e crianças."

"Há algo de errado com você."

O homem inclinou a cabeça, fingindo agradável surpresa. "Ah, é? E conte-me tudo depois."

"Eu vi você, antes de sussurrar para ela — sua língua no olho dela." Lázaro balançou a cabeça. "Acredito que você a chama de bruxa apenas para roubar suas roupas e sapatos."

Lázaro observou o rosto do pescador petrificar-se. Subitamente, pareceu estilhaçar-se com suas palavras estrondosas. "Não entres em minha humilde morada e não te atrevas a me *aconselhar*, homem voador! Nada sabes de mim; nem do meu execrável dever de retidão; nem das artimanhas das *bruxas!*" Ele lançou um olhar furtivo para as pilhas de roupas antes de voltar sua atenção para a faca de esfolar. O homem virou-se para Lázaro, estreitando os olhos. Lázaro conteve-se para não irritar ainda mais o pescador. O homem inclinou-se para a frente, exibindo seu rosto visivelmente gordo. Sob a luz tênue da tocha e através de um turbilhão de moscas, Lázaro estudou seus olhos — juntos, pareciam se fundir para dentro e assumir a forma de um único orbe monstruoso que o encarava para sempre. O homem rosnou: "Eu consigo ver através de você. Somos bem diferentes; você e eu. Você apenas finge ser sábio repetindo as palavras dos outros; enquanto eu falo e escrevo minhas próprias palavras, pois sou sábio." O homem relaxou e sorriu com desdém. "Ouça-me, hoje. Escreverei sobre você, ó glorioso Lázaro, um verso eterno de Homem voador pretensioso que encontrou vergonha à luz da Verdade e se acovardou nas sombras da Sabedoria. Eu te desmascararei completamente e te deixarei nu diante da verdade."

mundo.” O pescador piscou e deu uma risadinha, acrescentando: “Como sou bem diferente de você, tenho método e meios para entreter a mente dos homens.”

Lázaro cerrou os dentes e respirou fundo antes de retrucar com as Escrituras e um olhar crítico: “A sabedoria vem de Deus. Parece que você matou para cobiçar as roupas das mulheres. E... o que você fez com o olho dela?” Ele balançou a cabeça. “Não, seu coração não é de Deus.”

O pescador franziu a testa. "Deus? Quem é Deus? O seu?"

“Só existe um, o Senhor Deus Todo-Poderoso, que está nos Céus.”

“Eu esperava essa resposta. Afinal, você tem a sua fé para defender. Os mestres da sua fé lhe ensinaram a responder exatamente dessa maneira quando outros questionam o seu Deus. Contudo, em defesa da sua fé, você não pode apresentar nenhuma referência a palavras escritas ou faladas que eu já não tenha antecipado e que possa refutar, simplesmente por meio de testemunho de sabedoria, reflexão racional ou contra- argumento. Portanto, evite o sofrimento de tentar descobrir onde eu posso falhar , especialmente considerando a sua própria fé.” Ele inclinou a cabeça e sorriu, aguardando a resposta de Lázaro .

“Vocês estão aquém de Deus.”

O homem franziu a testa, talvez esperando mais dele.

Um momento de silêncio se instalou entre eles, exceto pelo zumbido constante dos insetos e o crepitar das tochas acesas.

Lázaro verificou novamente o brilho carmesim sob o umbral da porta quando o pescador o chamou: “Você quer saber como me tornei tão diferente da maioria, não é? Eu sinto. Se você tem tanta vontade de saber, então eu lhe direi.” como aconteceu.”

Lázaro deu de ombros — a noite não chegava cedo o suficiente para ele. Assentiu com a cabeça. " Quero saber. Conte-me tudo."

O homem sorriu de canto e assentiu em resposta. "Como eu esperava... muito bem, então; eu irei. Como aconteceu: meus pais pertenciam a reinos diferentes, separados por oceanos; porém, um dia, enquanto procuravam conchas em uma praia da Sardenha, seus passos se cruzaram e eles se apaixonaram. Apesar de suas crenças diferentes, casaram-se em segredo, jurando entre si que não desrespeitariam nem desafiariam a fé um do outro. Uma estação inteira após o início dessa aliança incomum, eu nasci. E, como eu era filho deles, concordaram em me ensinar as duas religiões, a

embora pertencessem um ao outro — como dois relatos de histórias semelhantes. Quando fiquei velho o suficiente para questionar a diferença entre eles, meus pais também juraram. me silenciaram, para que eu jamais contasse a ninguém sobre minha crença incomum ou as diferentes religiões de meus pais. Afinal, vivíamos no reino da terra de meu pai, e seus sábios e anciãos tribais proibiam qualquer expressão de uma religião contrária. Meu pai era um homem verdadeiramente bom, pois permitia que minha mãe praticasse sua fé em segredo, embora soubesse que sua cabeça poderia facilmente encontrar o fio de uma lâmina se ela confessasse sua verdadeira fé aos anciãos. Contudo, em sua lealdade inabalável, os Os anciãos permaneceram alheios. E com o tempo, cheguei a abraçar não um, mas sete deuses ao todo.” O pescador examinou o rosto de Lázaro .

"Sete?" perguntou Lázaro com um aceno deliberado enquanto lançava mais um olhar para o limiar ainda brilhante. "Por que tantos deuses?" O pescador estalou os dedos e lhe ofereceu um sorriso maroto. "Eu esperava essa pergunta."

E como um *déjà vu* fugaz em sua mente , Lázaro lembrou-se de já esperar que o homem se gabasse de algo: *já esperava tal pergunta*. Além disso, de alguma forma, ele sabia que o homem poderia continuar a falar de si mesmo até o anoitecer.

“De fato. Eu venerava sete deuses ao todo”, prosseguiu o homem, erguendo a ponta da bota enquanto observava um besouro rastejante se aproximar. “Meu sábio pai orava a seis deuses e minha bondosa mãe orava a apenas um — o dela era o seu, o mesmo que você agora defende como o único.” O homem abaixou a bota; o inseto estourou, e ele sorriu para Lázaro. Inclinou-se para a frente, acrescentando: “Veja, eu sei tudo sobre o seu Deus — era apenas *um* dos meus.”

“Ou você O aceita, ou não”, disse Lázaro. “E já que você O conhece, mas escolhe rejeitá-Lo, presumo que pouco posso fazer para convencê-lo do contrário.” Lázaro o encarou, perguntando: “Talvez houvesse algo Isso te fez se voltar contra Ele?”

O pescador lançou um olhar furioso para Lázaro. Então, engasgou ruidosamente e pigarreou, como que para prolongar o momento da expectoração. Cuspiu o catarro ao lado dele. Ele chutou a bota e lançou um olhar fulminante para Lázaro. "Por favor, permita-me concluir minha conversa."

antes de começar a falar besteira.”
“Perdoe-me”, disse Lázaro.

Ele pigarreou novamente e suavizou o olhar. "Sim, bem, tudo acabou quando minha mãe descobriu que meu pai estava cortejando outras mulheres em segredo." Ele balançou a cabeça. "Havia tantos segredos entre nós. Mamãe era tão apaixonada quanto ele, tão sábio." Ele suspirou. "Em um acesso de paixão, ela pegou a espada dele enquanto ele dormia. Mas ele despertou e, na confusão do quase sono, e acreditando que a sombra dela fosse a de um intruso, matou -a — morta onde estava. Ela não lhe faria mal ; ela o venerava como o sol nascente."

"Sinto muito pela sua perda", respondeu Lázaro, vislumbrando a soleira da porta.
"Ah, imagino que sim", disse o homem com um tom carregado de sarcasmo. "No entanto; eu acordei na manhã seguinte sem saber nada do que havia acontecido. Lembro-me do dia ainda lúcido — deitado na cama, com o sol quente, o canto dos pássaros, a névoa densa dos vales verdejantes e minhas orações de agradecimento aos meus muitos deuses — sem saber que minha mãe morta e meu pai chorando jaziam ao meu lado no outro quarto." Ele acenou com a mão, dispensando-a. "Sim, eu sei que você esconde a pena que sente por mim — não precisa, meu senhor."

Lázaro apenas deu de ombros.

O homem prosseguiu: "Desolado pela perda do único amor verdadeiro de sua vida, meu pai tirou a própria vida pouco depois; porém, antes de morrer, exigiu que eu lhe fizesse um juramento: que eu deveria abandonar completamente a sua fé e abraçar a de minha mãe — a dela, o Senhor Deus Todo-Poderoso. Fiquei descontente com ele; recusei-me. Então ele chorou; depois morreu, e eu me vi sozinho, e com sete — sete deuses que, entre todos eles, não conseguiam proteger nem mesmo um marido e uma esposa do seu amor eterno um pelo outro." Ele se inclinou para a frente, examinando novamente o rosto de Lázaro .

Lázaro assentiu com a cabeça. "Sete."

"Sete!" , exclamou o homem, erguendo sete dedos. Em seguida, bateu palmas uma vez e sorriu. "Então, enterrei meus dois pais, cada um segundo o costume, e deixei nove sepulturas na areia antes de abandonar minha pátria."

"Nove?" Lázaro sentiu-se compelido a perguntar.

O pescador deu um sorriso irônico. "Exatamente o mesmo número; já que enterrei o seu Deus naquelas fileiras." também de sepulturas."

Lázaro o repreendeu, dizendo: "Ele é o Primeiro e o Último; e a sua palavra jamais perecerá."

"Na nitidez da minha memória, creio que aquele era o terceiro túmulo. E quanto às palavras? Eu sou o poeta, imortal. Em palavras, jamais morrerei, meu glorioso Lázaro, o homem voador." Ele estalou os dedos e sibilou, como que a sussurrar um segredo: "Enquanto houver uma única alma que me ouça, viverei para sussurrar palavras. Esta é a verdade. Eu sou... eu mesmo."

O silêncio entre eles foi apenas momentâneo, logo quebrado pelo ataque de fúria do pescador. de gargalhadas estridentes. Ele batia repetidamente as mãos nas pedras do chão, exclamando por cima da sua percussão: "Diga-me agora, ó Lázaro, o homem voador! Qual era a verdadeira fé e qual era a falsa? Depressa! Responda-me! Responda ao sábio poeta, para que não morramos todos sem um!

Lázaro se levantou. "Pare com isso!"

O homem riu e apontou um dedo acusador para ele. "Como eu esperava! Dói-te só de pensar na tua insignificante posição neste mundo." Encostou-se à parede, ainda a rir e a balançar a cabeça. "Oh, a tristeza que eles sentem, quando consideram a possibilidade de estarem errados sobre aquilo que tanto desejam que esteja certo." "Oh, a dúvida que a visão e a razão trazem à fé cega." Ele olhou diretamente para ele. Lázaro. "Você não sente a sensação perturbadora em sua especulação sobre si mesmo?"

Lázaro agachou-se novamente, com o olhar fixo no rosto marcado pelo tempo do homem — e em seus olhos. Ele o repreendeu: "Sinto que existem muitas falsas crenças e profetas por aí; contudo, sei que minha fé em Deus Todo-Poderoso é a única fé verdadeira."

"Mentira!" gritou o homem, batendo no chão. Moscas voaram. Ele cruzou os braços apressadamente e abraçou o próprio corpo com força, balançando para frente e para trás, encarando o teto e repetindo palavras que parecia saber de cor. "Não existem deuses. Não existe céu. Não existe inferno. Não existem anjos nem santos, nem..."

demônios ou diabos.” Ele balançou repetidamente e olhou para cima, fingindo estar perdido em seus próprios pensamentos enquanto continuava: “Não há nenhum sinal deles — em lugar nenhum — nenhuma confirmação — nenhuma pista — nenhum vestígio —”

“Minta”, respondeu Lázaro firmemente, chamando a atenção do homem para si. “As Escrituras são a confirmação. É a Palavra do seu Altíssimo Senhor e Salvador, que você nega.”

O homem balançava-se imóvel e Lázaro percebeu uma mudança abrupta em sua expressão; seu semblante pareceu se transformar num instante — da face de uma pessoa indisciplinada e aparentemente perturbada mentalmente, para a de um homem sereno, com um porte distinto e intelectual. Ele ergueu o queixo e olhou para Lázaro com seu nariz adunco. “Suas escrituras, como você as chama, nada mais são do que o esforço conjunto de escribas fanáticos e há muito mortos que desejavam que toda a posteridade ouvisse suas palavras como uma única palavra — como a única palavra do Deus e da fé que eles imaginavam existir entre eles. Acontece que os homens escrevem sobre deuses e demônios, já que deuses e demônios nunca escreveram sobre si mesmos.” Ele balançou o dedo para Lázaro, assentindo com a cabeça. “Talvez você se pergunte como sou capaz de saber coisas tão grandiosas.”

“Não me surpreende”, resmungou Lázaro, verificando novamente a porta.

“E eu lhe direi”, continuou o pescador, alheio ao próprio comentário. “Em minhas muitas viagens, por diversas terras e povos, encontrei muitos escritos como as suas escrituras, todos proclamando-se palavras sagradas.”

e decretos divinos dos deuses. Vi muitas formas deles: pergaminhos, vasos de barro; tábuas de pedra e madeira; entalhes em troncos de árvores; até mesmo cicatrizes e marcas no rosto e na barriga de homens, que afirmavam tê-las inscrito divinamente e sem dor enquanto dormiam.” Ele bateu palmas. “E talvez você queira saber o que eu concluí ser o mais comum entre eles?”

“Não quero isso.” Lázaro comentou.

Mas o homem persistiu. “A semelhança entre eles era que, qualquer que fosse a mensagem divina que transmitissem, sempre havia outra parte da mensagem a ser lida, que a mensagem divina era a verdade absoluta, de modo que qualquer outra alegação em contrário era falsa. E por que suas escrituras seriam diferentes das demais dessas 'mensagens divinas'?”

mensagens', visto que também proclama que outras religiões e deuses são irreais, exceto aqueles que ela se esforça para tornar reais? Por que seria apenas mais uma 'mensagem divina'? Entre tantas outras? Diga-me, qual é a maior verdade nisso? E como você pode negar a minha verdade sobre isso?" Ele sorriu de lado e piscou.

Finalmente, Lázaro o repreendeu: "A verdade é que você não aceita o Senhor e a Sua Palavra. Assim como outros questionam aquilo que não aceitam ou compreendem, você também o faz. É a sua negação que lhe trará a ruína. E se você realmente abraçasse a Sua Palavra, você não a aceitaria de verdade." Se você está falando a Palavra de Deus, nosso Pai Celestial, então não afirmaria estar falando a verdade e ao mesmo tempo negaria as Escrituras. Você não pode negar essa verdade, a menos que seja por meio de mentiras."

"Ah, mas posso sim — e já fiz isso", retrucou o pescador. "Não minto. Sou um homem bom e justo — honrado, até."

Lázaro olhou para o cadáver sobre a mesa, balançando a cabeça. "Não; você é um homem mau, que apenas finge ser bom. Você não oferece nenhum contraponto positivo a Deus, a não ser a sua falta de fé Nele e em Sua Palavra."

Lázaro avistou uma mosca que rastejou pela testa do pescador; ela parou exatamente entre as sobrancelhas dele.

O homem parecia alheio ao inseto em sua testa enquanto ria baixinho e respondia: " Não ganho nada desfazendo sua fé. Só você pode perder ao rejeitá-la, diante da impassibilidade da Verdade." Ele mostrou as palmas das mãos e deu de ombros. "Você veja, o fardo da verdade recai sobre você, não sobre mim, já que não afirmo que os deuses sejam reais." Ele sorriu amplamente enquanto Lázaro observava a mosca rastejar sobre seu rosto antes de se alojar em sua barba.

"Deus é real. Não há outros deuses além dele. Ele é — eu sou", afirmou Lázaro.

"É? Sou?" o homem o desafiou. "E se eu lhe dissesse que o seu Deus está por trás disso?"

"Porta", perguntou o homem, apontando para a porta alta e esfarrapada, "você acreditaria em mim?"

"Eu acreditaria em você."

O pescador inclinou a cabeça e franziu a testa. "Por que você acreditaria cegamente em mim, quando o ônus da verdade deveria ser meu para provar que o seu Deus está atrás da porta?"

“Talvez você não consiga enxergar a verdade porque está procurando quem deve arcar com o fardo dela?”

“Muito bem, então”, disse ele em aparente contemplação, colocando um dedo no queixo e espantando a mosca que antes estava presa em sua barba, “Já que eu não abri a porta e não revelei nenhuma verdade sobre minha alegação, como você poderia acreditar em mim de antemão?”

“Eu esperava essa pergunta”, respondeu Lázaro. “Não preciso que nenhuma porta se abra para mim.” Saber que o Espírito de Deus está em todo lugar e em todas as coisas. Ele está atrás daquela porta; nessas pedras da parede; nas vigas do telhado —”

Ele espantou uma mosca do rosto com um gesto e apontou o dedo para o cadáver. “Ele está até mesmo dentro” dela.”

O homem o dispensou com uma risada e um aceno de cabeça, enquanto Lázaro continuava:

“Quem a fez, senão o Senhor Deus? E quem fez os montes e os rios, ou o sol e a lua? Foi você?” Ele balançou a cabeça. “Não; Deus Todo-Poderoso fez todas as coisas — está escrito nas Escrituras. Portanto, você pode deixar sua porta fechada e descansar, certo de que tudo em você é prova da presença de Deus.”

“Acho que não”, respondeu o homem. “A única prova que você oferece é me mostrando que minha casa de peixes é... que bruxas existem... e que tudo está aqui, como deveria estar.” Ele ergueu as mãos em sinal de rendição. “Mas você ainda não me convenceu de que seu Deus é algo mais do que o seu desejo de que ele seja real — a menos, é claro, que você deseje que ele seja. Para me revelar a Ele através do olhar da bruxa ou da face da lua. Poderia me mostrar? Eu poderia ser verdadeiramente tomado de gratidão por isso.”

Lázaro observou o pescador inclinar-se para a frente, lançando um olhar furtivo por cima do chão da casa de peixe em direção à sua faca de esfolar.

“E eu gostaria que você permanecesse onde está sentado”, rosou Lázaro.

O homem encostou-se à parede e suspirou. “Responda-me a isto: se não houvesse pedras, vigas, bruxas, montanhas, nem mesmo um sol — se não houvesse nada, então como...”

Você ainda conseguiria acreditar que seu Deus existe?

“Se não houvesse nada, eu também não seria nada e não poderia saber de nada.” Contudo, como sou eu, sei que Deus também existe, pois não me criei a mim mesmo.”

O homem cerrou os dentes e ponderou a resposta de Lázaro. Um breve silêncio se instalou.

Por fim, o homem perguntou: "Por que vocês diminuem o Grande Criador ao se referirem a ele apenas como um deus, rei ou pai?"

“Grande Criador? Você quer dizer 'Deus Todo-Poderoso'?”

“Não. Eu não disse Deus Todo-Poderoso; eu não disse Rei, Senhor ou Duque dos Deuses; eu disse Não disse Deus do Bem ou Deus do Mal. Eu disse o Grande Criador, que não precisa de nome glorioso nem título nobre.

“Deus Todo-Poderoso tem muitos nomes. E vocês lhe dão mais um, ao chamá-lo de 'O Grande Criador'.”

“Eu já esperava por isso.” Ele suspirou antes de bater com um dedo rígido na perna enquanto repreendia Lázaro. “Em todos os lugares por onde viajei; com cada homem que encontrei, que jurou fidelidade a um Deus, ele proclamava o mesmo que você proclama agora — que seu Deus era o Grande Criador. No entanto, o Grande Criador não é um Deus dos homens. O Grande Criador criou os homens e os fez maravilhar-se com este mundo e acreditar em seus Deuses. Entenda isso, se quiser, meu glorioso homem voador que se autodenomina Lázaro.”

“Deus é a Verdade; não preciso defendê-Lo diante da blasfêmia.”

O pescador fez uma careta antes de soltar uma risadinha. “Deus é a Verdade? É só isso? Assim, sem mais nem menos?” Ele caiu na gargalhada. “Bem, claro que você pode dizer isso; assim como qualquer homem poderia dizer, em defesa de seu Deus, que seu Deus é a Verdade. Afinal, que homem seria tão tolo a ponto de professar a crença em um deus falso?” Ele riu. “Você não disse nada e disse muito ao mesmo tempo — não disse nada de significativo em defesa do seu Deus; no entanto, revelou muito sobre sua incapacidade de apresentar uma boa defesa, mesmo para as afirmações mais simples.”

“Eu já disse que não o defendo; apenas compartilho a Sua Verdade”, afirmou Lázaro. “Ah?” O homem inclinou-se para a frente. “Então responda-me esta verdade: o Grande Criador é bom ou mau?”

“Se você se refere a Deus, então Ele é bom.”

“Mentira! O Grande Criador é tudo! Todas as coisas são do Grande Criador — tudo de bom, tudo de mau, das flores às bruxas — tudo! Como você pode alegar compartilhar a verdade quando só oferece meias-verdades? Também suspeito que você acredite que o mal vem apenas de demônios e diabos, não é?” Ele assentiu, sorrindo.

“E de onde vieram essas coisas malignas — elas mesmas? Conte-me uma história infantil dessas !”

“Parece que você conhece a Palavra de Deus sem que eu precise lhe dizer”, disse Lázaro.

“Por que você me pede para compartilhar a Verdade, se depois a rejeita?”

O pescador deu de ombros. “Se eu lhe contasse, em um só fôlego, tudo o que há de errado com sua crença, você poderia se iludir com a possibilidade de descartar tudo isso com um simples gesto de mão. Não me interessa despender tanto esforço, abordando minuciosamente as muitas facetas de suas falsas noções, apenas para que você me ofereça uma resposta antiquada e incoerente, tão insignificante quanto : *'Não acredito em você'* ou *' Não é assim'*. Portanto, sua atenção e participação ativa são certamente necessárias. Gostaria de participar de uma troca tão reveladora em busca da Verdade, meu glorioso Lázaro Gogu — filho de Ivan Gogu?”

Lázaro balançou a cabeça. Olhou fixamente para o homem. “Não, não acredito nisso.”

“Nem um pouco? Sua boca dentuça implora por silêncio, mas seus olhos dizem o contrário. Neles, vejo uma curiosidade gritante e uma fome por respostas às suas inúmeras perguntas.”

“E talvez vejas e ouças apenas aquilo que desejas ver e ouvir, meu igualmente glorioso *Amad Gaston*, filho de *Barabass Gaston*?”

O pescador riu e apontou o dedo para Lázaro. “Você é muito esperto!”

Muito bem dito! Então talvez ambos sejamos culpados de erros semelhantes de premeditação — você, com aquilo que você não consegue ver como fundamentalmente errado em sua fé; e eu, com “O que eu não deveria ver, em seus olhos ainda famintos.” Lázaro cerrou os dentes enquanto o homem continuava. “Agora, já que sou sábio e disposto, meu alado, compartilharei com você a própria verdade sobre os homens e seus deuses.”

“Precisa mesmo?” resmungou Lázaro, inspecionando brevemente a porta atrás de si enquanto o pescador também lançava mais uma olhada furtiva em sua faca perdida.

“De fato”, afirmou o homem. “É assim: assim como as crianças encontram conforto na presença dos pais, os pais encontram consolo em Deus. E assim como as crianças imploram aos pais por direção, segurança e misericórdia, os pais oram a Deus por orientação, proteção e graça. Afinal, quando os pais eram apenas crianças, também sofreram com a inocência, o medo e a insensatez.

Você entendeu o que eu quis dizer até aqui?

Embora Lázaro tivesse compreendido o significado, não respondeu, pois estava completamente absorto na aparente incongruência daquela estranha, senão fantástica, apresentação diante de si. Hipnotizado, ele fitava o pescador, que demonstrava com sucesso uma perspicácia aguçada e uma reflexão sóbria, e que então lhe dava uma lição por trás de um cadáver que, momentos antes, ele próprio havia instruído, despido e lambido o olho.

“Com o teu silêncio, eu te convido a me reunir”, declarou o pescador, chamando a atenção de Lázaro. “Agora, vou te revelar uma verdade ainda maior, e uma que certamente negarás por causa da tua fé. É esta: O Grande Criador é tudo. E, sendo tudo, não possui um rosto familiar para nos confortar ou consolar; nem mãos paternas para nos dar certeza ou proteção; nem língua materna para nos consolar ou curar as nossas dores.” Ele apontou o dedo para Lázaro. “Agora você sabe por que existem livros e histórias sobre deuses. Os homens ritualmente escrevem e falam de deuses entre si, expressamente para se convencerem, em massa, de que os deuses existem. E em suas preciosas páginas de escrituras — em suas palavras cantadas de sermões — eles dão rosto, forma e nome aos deuses. E como os crentes em seu próprio Deus, eles se referem a ele como 'Ele, Pai, Senhor e Rei', e lhe atribuem características como 'ira, misericórdia, tristeza e graça'; como se tivessem criado seu Deus à sua própria imagem.” O pescador sorriu com desdém. “Agora responda-me isto, ó glorioso Lázaro: se os porcos pudessem maravilhar-se consigo mesmos e com o mundo inteiro; se fossem tão capazes quanto o Homem, então não poderiam eles também escrever e falar de deuses que fossem à sua própria imagem?”

“Se o seu coração estivesse com Deus, então eu não creio que você devesse se admirar de coisas que os porcos não podem fazer”, disse Lázaro.

“E se você não se maravilha com nada que não existe — como um porco capaz; então como poderá compreender plenamente o que existe — como você mesmo, incapaz?”, questionou o homem sarcasticamente.

Lázaro cerrou os dentes. “Não preciso defender meu Deus diante de Seus inimigos; e, por minha parte, creio que sou perfeitamente capaz, em minha fé e entendimento, de perceber que você não possui as mesmas capacidades.”

O pescador soltou uma risada sibilante e o dispensou com um gesto de mão. "Ah, mas eu tenho tanta fé nas minhas faculdades e no Grande Criador quanto você tem em suas tolas noções e convicções cegas, para esconder os olhos da dolorosa verdade de um mundo impiedoso e cheio de maldade." Deu de ombros. "Todos fazem isso — assim como você. Eles escolhem acreditar em um lugar melhor e em deuses benevolentes para consolar os muitos sofrimentos de suas vidas ." O homem se sentou, balançou a cabeça e suspirou pesadamente. "Infelizmente, eles permanecem em um mundo cruel; e seus deuses são meras tentativas desesperadas de dar um rosto familiar ao Grande Criador, informe e sem rosto." Ele engasgou e pigarreou, acrescentando: "Em seus sonhos de um lugar melhor, eles se recusam a olhar para o mundo que o Grande Criador criou." O homem cobriu os olhos e pareceu chorar quando Lázaro inclinou a cabeça.

Lázaro sobressaltou-se quando o homem bateu com a mão no chão e soltou uma gargalhada estrondosa. "Que criaturas patéticas!", exclamou. "Seus deuses não passam de insignificantes representações com cabeças de boneca, que não se assemelham em nada ao Grande Criador!" Ele riu novamente. "E mais: não só afirmam que seu Deus é o Grande Criador, como muitos deles juram que o Grande Criador depositou sua semente em uma mulher e gerou um deus-homem!" Ele deu uma risadinha e balançou a cabeça. "De todos os..." "Noções tolas — um homem-deus, a quem eles adoravam e matavam." Sua expressão mudou abruptamente para uma aparente contemplação. Ele estudou Lázaro e coçou a barba. "Você realmente acredita em tamanha imprudência?" Então, ele piscou e sorriu de forma irônica.

Sob as chamas espirais das tochas e no olhar frio do homem, Lázaro poderia...

Descobriu o mesmo olhar ardente e gélido que outrora emanava dos olhos de sua mãe — a mesma paixão implacável ardendo neles. Rebateu o pescador com uma citação das Escrituras: "Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna."

Num gesto teatral, o homem ergueu uma das mãos para o alto e levou a outra ao peito, dizendo: "Escute! Suas palavras são verdadeiras adagas no meu coração, para me ferirem tanto! Você as prepara bem", exclamou ele, em tom de deboche, "Tão inesperadas; tão frescas na hora! Sua sabedoria é —"

Lázaro mudou de postura e olhou para a lâmina de esfolar quando o homem deixou os braços caírem frouxamente ao seu lado e se virou para Lázaro com uma expressão constipada antes de acrescentar: "De quem quer que você tenha tomado essas palavras emprestadas, devolva-as a ele e diga-lhe que são vazias e sem sabedoria." Ele estalou os dedos e apontou para Lázaro. "Além disso, você deve lhe dizer." que ele é duplamente tolo — primeiro, por acreditar que essas palavras são verdadeiras; e segundo, por convencê-lo a se comportar comigo da mesma forma presunçosa e arrogante que se comportou com você!" O pescador se abraçou com força e encostou as costas na parede, permanecendo rígido e impassível, enquanto encarava Lázaro.

Lázaro refletiu sobre sua súbita mudança de comportamento. Ele só conseguia se lembrar de três ocasiões em toda a sua vida em que sentira o mesmo grau de ressentimento que, naquele momento, parecia aquecê-lo. Lembrou-se do lampejo de raiva quando o Capitão matou seu pai — as pupilas de seus olhos se contraíram. Lembrou-se de sua mãe nua, que o subjugaria. sua fé e a tentativa de matá-lo com um Monstro alado—ele cerrou os punhos e Cerrou os dentes ao considerar as palavras sussurradas dos soldados de Hugon, acusando -o de ser o monstro alado que não era — uma gota de suor traçou a linha dura de seu rosto enquanto Lázaro agora estudava o homem demonstradamente capaz à sua frente, que se comportava como um monstro e zombava do próprio fundamento de sua fé. Respirou fundo e encarou o homem que ousara derrubar a pedra angular de seu conforto e, com ela, a certeza de que era muito parecido com seu pai e nada semelhante à sua monstruosa mãe.

'Nada como a Mãe — não um verdadeiro Monstro', consolou-se, relaxando com um suspiro e um sorriso peculiar ao responder: "Não tomei emprestadas essas palavras de ninguém, como você afirma. É a Palavra de Deus, nas Sagradas Escrituras. E já que você alega conhecer as Escrituras, mas parece não se lembrar da Palavra de Deus quando ela lhe é revelada, então talvez você tenha mentido?"

O pescador retribuiu o mesmo sorriso peculiar. "Não minto. E, se me permite, peço que se lembre de que sou um homem de honra e, inclusive, bem instruído. Conheço suas escrituras por completo — cada palavra e cada versículo, em todo o seu tomo." Contudo, embora você possa imaginar que tais habilidades estejam além da compreensão de qualquer homem comum, eu não sou esse homem." Ele pigarreou e sorriu novamente. "Então, por favor, diga-me, meu glorioso Lázaro, e cristão voador dos céus noturnos, que está vestido de preto;

Você também trabalha como escriba?

“Eu sou escriba”, respondeu Lázaro. “No entanto, se você conhece cada palavra de cada versículo das Escrituras, como afirma, então poderia recitar o versículo: 2 Reis 35:17?”

O pescador fez uma careta e torceu o lábio. "Você é esperto, por escolher justamente esse versículo para testar minhas habilidades. Mesmo assim, aceito seu desafio e espero..." "A mesma demonstração, por sua vez." Ele respirou fundo e recitou o versículo, dizendo: "Não temais outros deuses, nem vos prostrais diante deles, nem os servis, nem lhes sacrificais." O homem bateu palmas uma vez e acrescentou: "Aí está. " Agora, permita-me lembrá-lo mais uma vez de que eu aceito somente o Grande Criador e não adoro deuses como os seus." Ele apontou para Lázaro. "Sua vez — fale -me sobre Provérbios, 1 de 8. Como está escrito?"

Lázaro recordou isso em voz alta, dizendo: “Acaso a Sabedoria não chama? Acaso o Entendimento não chama?”

"Dar voz a ela?"

“Ah!” exclamou o homem, arqueando uma sobrancelha. “Talvez haja mais em você, ainda por descobrir?”

Lázaro assentiu com a cabeça. “Talvez você tenha descoberto que não preciso me vangloriar das minhas habilidades? Contudo, já que você insiste nisso — como você mesmo insiste —, eu conheço cada palavra de cada versículo das Escrituras, Amad Gaston, *pescador e poeta*, filho de Barrabás Gaston.”

O homem ergueu uma segunda sobrancelha, em harmonia com a primeira. "Você também possui esse dom — o da memória indivisa?"

“Lembro-me daquilo que vejo e ouço, se é esse o significado das suas palavras”, declarou Lázaro .

"Você vê ou ouve algo apenas uma vez, e se lembra disso para sempre?"

“Até aqui” , respondeu Lázaro, acrescentando friamente: “Mas eu não vivi para sempre; e você?”

O homem bateu na testa, visivelmente abalado, enquanto falava olhando para o teto. “Em Em toda a minha vida, nunca encontrei ninguém como eu! E este tem asas! Que... "Que grande projeto o Grande Criador fez de nós!" Ele lançou um olhar aparentemente alegre para Lázaro e disse: "Talvez sejamos mais parecidos do que eu imaginava — você e eu!"

Lázaro lançou um olhar para o cadáver estendido entre eles. "Não temos nada em comum."

"Ah, mas somos sim", insistiu o homem, gesticulando com as mãos. "Temos o mesmo propósito; você e eu, pois somos igualmente agraciados e amaldiçoados — estando plenamente conscientes de nós mesmos." Ele recostou-se e estreitou os olhos antes de questionar Lázaro: "Quantas vezes você leu os mesmos versículos do seu texto sagrado?"

"As Sagradas Escrituras são a Palavra de Deus, e não um texto divino", respondeu Lázaro.

"E eu já li esses mesmos versículos muitas vezes, assim como você deveria."

O homem fez uma careta. "Então por que você leria aquilo que já leu, para que sua lembrança não seja menor do que você afirma?"

"Minha lembrança da Palavra de Deus não me torna um mestre nela", afirmou Lázaro.

"A cada nova leitura, descubro novos significados." Então, ele se inclinou para a frente e, com um punho cerrado no chão, Lázaro concluiu: "Nem mesmo a lembrança completa dá todo o significado às coisas recordadas."

O homem encostou-se à parede, deu um sorriso irônico e começou a estalar os dedos.

"Talvez você esteja falando a verdade, pois a lembrança não leva ao entendimento; contudo, não me recordo de nenhuma discussão entre nós sobre 'entender' palavras." Ele ergueu a sobrancelha e assentiu. "No entanto, já que você nos leva à raiz da questão, que inclui o próprio significado da palavra escrita, talvez eu deva compartilhar com você que existem muitas maneiras de avaliar o significado das obras escritas, além do que está escrito nelas." O homem balançou a cabeça.

Apontando o dedo para Lázaro, deu uma risadinha. "Você afirma ter lido seu texto sagrado repetidas vezes, ainda que apenas para extrair mais significado dele. Responda-me: você sequer considerou o significado dos versículos pelas palavras e noções que não estão neles contidas? Você ponderou o significado deles por tudo o que não dizem? Você extraiu mais significado desses versículos pela cuidadosa seleção de palavras, noções e repetições das mesmas? Ou você estava tão absorto na leitura das páginas dos versículos que não conseguiu enxergar o significado completo do seu livro sagrado?"

"Não leio as tuas Escrituras para aprender o que nelas não há; assim como não leio sobre os pássaros para aprender a fazer pão ou vinho. Tu falas, mas nada dizes."

"Ah, mas eu leio sim; és tu que escutas sem ouvir nada. Diga-me, por favor, quantos textos já lesses, Lázaro?"

"Muitos."

O homem assentiu, aparentemente ponderado. “Muitos? Então me diga, quantos desses textos eram textos divinos? Quantos deles falavam de outros deuses e crenças — aqueles além dessas escrituras que você agora aceita como verdade?” “Não sou como vocês, que abraçam muitos deuses, noções e absurdos. Há apenas um Deus, uma Palavra e uma Verdade; e não preciso ler mentiras.” “E eu esperava tal resposta. Mesmo assim, compartilharei com você algumas ideias que você se recusa terminantemente a ouvir. São elas: assim como todo homem nasce, todo homem morrerá. E como nenhum homem deseja morrer — já que todo homem deseja viver para sempre — os homens criaram um artifício e um meio para escapar da angústia de ponderar sobre a própria morte. O que você acha dessa verdade?”

"Talvez você possa encontrar uma maneira de refletir sobre sua morte em silêncio, sim?" perguntou Lázaro , verificando brevemente o brilho tênue do umbral da porta.

O pescador deu uma risadinha e continuou: “Como acontece com qualquer pessoa, de qualquer fé, seu dispositivo é o seu texto sagrado; e os seus meios são as suas regras escritas. De todas as diferentes religiões que encontrei ao longo da minha vida, descobri que elas compartilham um entendimento comum. No âmago de todas elas, existem inscrições sagradas que se declaram de criação divina. E dentro dessas inscrições e textos sagrados, existem regras escritas. As regras variam entre as religiões e os povos; contudo, discerni suas semelhanças e as achei bastante banais. Gostaria de ouvir a única regra que elas compartilham?

Lázaro espantou uma mosca do rosto e dispensou Amad, voltando sua atenção para várias baratas que se reuniram no chão à sua frente — elas pareciam estar se apresentando umas às outras por meio de pares de longos pelos presos às suas cabeças.

O homem continuou: “A única regra para todos eles é esta: se um homem aceita as inscrições divinas de sua fé como verdadeiras e obedece às suas regras, então viverá para sempre em felicidade e paz. E se um homem não aceita as inscrições como Verdade, então também viverá para sempre, porém em tristeza e dor.” Ele deu uma risadinha. “O quê? O que isso lhe diz sobre suas próprias escrituras, quando colocadas sob a mesma perspectiva que outras inscrições divinas? O que isso diz sobre qualquer inscrição, de qualquer fé, que se declare divina?”

Lázaro balançou a cabeça. "Talvez haja mais em você, também desconhecido. É

Talvez aquilo que você *não* oferece seja o que mais revela sobre você. Eu lhe pergunto : de todas essas religiões que você testemunhou e em todas as palavras que leu sobre elas, encontrou sequer uma única declaração que o louve pelos males que cometeu aqui? Ele apontou para o cadáver. "Que religião, dentre todas aquelas que você afirma conhecer, poderia declarar seus atos assassinos como bons ou justos?"

O homem sorriu e inclinou-se para a frente, respondendo: "O seu próprio, Lázaro."

"Não; não é meu. E você ainda afirma não mentir?"

"Você deve se lembrar de que eu não minto. Sua confusão sobre a Verdade não significa que eu esteja falando mentiras. Significa apenas que você precisa olhar além daquilo que você acredita ser a verdade."

"Não matarás; não furtarás. Não há verdade maior do que esta Palavra." de Deus."

O homem recostou-se e assentiu com a cabeça. "Há muito tempo que eu esperava que você dissesse isso; e desde então, preparei uma pergunta para abordar sua afirmação. Pergunto-lhe o seguinte: Se Você possuía um entendimento aguçado, a ponto de conhecer um meio de matar o demônio da sua fé e purificar o mundo do mal, então você mataria o seu demônio?"

Lázaro estreitou os olhos. "Eu sei o que vocês fazem neste lugar, matando mulheres para roubar suas roupas."

"Pergunto-lhe também isto", continuou o homem, "se você tivesse os meios para roubar os poderes do seu Diabo e enterrá-los secretamente, de modo que se perdessem para sempre da face da Terra, então, você roubaria do seu Diabo?"

As lembranças de um gigantesco Porco Voador passaram pela mente de Lázaro; ele respondeu: "O Diabo comparecerá perante Deus e responderá por cada maldade. Eu não sou Deus; e não preciso me maravilhar com coisas que não acontecerão. E creio que há algo de errado com você por se maravilhar com tais coisas."

O homem o repreendeu: "E creio que há algo de errado com a sua fé, que o impede de se aventurar para além dela. Mesmo assim, eu já esperava que você não matasse o seu demônio, nem mesmo para salvar o mundo. Afinal, a sua fé o ensina a ter cautela principalmente ao se salvar *de si mesmo*."

Lázaro balançou a cabeça. "Deus deu o Seu Filho unigênito —"

"Como você diz!" exclamou o homem. "No entanto, não estamos falando de dar vidas; mas a tomada deles! Se as suas escrituras não dissessem que os homens tiraram a vida do seu deus-homem, então as suas mesmas escrituras não poderiam ter falado da ideia de que o seu Deus lhe deu a vida, não é mesmo?"

Aqueles homens que crucificaram Cristo não eram como Deus, Amad. Eles fizeram apenas o que Deus lhes permitiu fazer, qualquer que fosse o preço que pagassem no final. "Exatamente, Lázaro. Sua fé é tão verdadeira que você se coloca diante de mim — como eu esperava." O pescador apontou para o cadáver com a mão estendida, acrescentando: "O Grande Criador me concedeu a capacidade de tirar algumas vidas para que eu pudesse salvar muitas mais. Pergunto-lhe agora: qualquer má ação, realizada unicamente contra o Mal, não é uma boa ação?"

Lázaro ergueu a sobrancelha. "Matar não é salvar."

"Matar bruxas salva o mundo", repreendeu o homem, estreitando o olhar. "Se lhes fosse permitido viver, continuariam a espalhar sua semente maligna de morte, decadência e mau agouro a todos os povos bons da Terra."

Lázaro olhou para a mulher morta, de aparência praticamente comum, antes de perguntar: "E como você pode ter certeza de que ela é uma bruxa?"

O homem bufou, visivelmente impressionado com a audácia de Lázaro em fazer a pergunta. Em seguida, ele fez suas próprias perguntas: "Como um ferreiro habilidoso reconhece um cavalo? Como um sumo sacerdote conhece as marcas e os sinais do mal?" Rosnou para Lázaro: "Não ouse desafiar minha sabedoria. Sou um caçador de bruxas experiente e competente. Você não sabe nada — nada sobre a arte ou os artifícios das bruxas e das velhas!"

"Como você diz", concordou Lázaro. "É verdade que sei pouco sobre elas. É também por isso que lhe peço tal prova." Ele gesticulou em direção ao cadáver. "Pode apresentar provas de que esta mulher, ou qualquer outra, é uma bruxa?"

O homem lançou um olhar fulminante para Lázaro antes de admitir: "Caçar bruxas não é uma tarefa precisa, meu glorioso e curioso homem alado. Não se pode obter provas absolutas de uma prática imperfeita. Ao contrário da sua fé simples, o mundo do Grande Criador não é tão regular e simples quanto você imagina — é repleto de complexidades, nuances e muitas nuances."

Lázaro assentiu com a cabeça. "Então, posso interpretar sua resposta complexa como um claro sim?" não tenho provas de que ela é uma bruxa — ou, como você poderia mencionar, "complexidades" e "tons de cinza" numa tentativa de encobrir a simples verdade, que você "Não há provas suficientes." Ele se inclinou para a frente, pressionando ainda mais o homem. "Acredito que você não pode provar que nenhuma de suas vítimas seja bruxa. Além disso, acredito que você só as considera bruxas depois de cobiçar suas roupas e sapatos." Ele apontou para a bancada, com os vestidos dobrados. "Por que mais você se preocuparia tanto com a disposição deles?"

"Mentira!" exclamou o pescador, batendo no chão. "Não faço isso por mim, mas por você — por todos!" O homem balançou o dedo indicador com raiva. "Você tem um olhar simples, que vê apenas o Dia ou a Noite, sem dar atenção ao Crepúsculo ou ao Amanhecer!" Vocês agrupam as coisas como sendo boas ou más, sem avaliar o significado delas, ou os graus de certo e errado nelas!" Novamente, ele bateu no chão. "Como ousas presumir conhecer minhas intenções apenas por meio de evidências superficiais de minhas ações, cujos significados e métodos ainda te são desconhecidos? Como ousas me julgar!"

Lázaro franziu os lábios e ergueu a sobrancelha. Então respondeu friamente: "Talvez eu tenha um olhar ingênuo. Contudo, meu olhar ingênuo vê claramente que você se cerca de roupas e sapatos roubados daqueles sobre os quais você julgou e, por sua própria mão, condenou à morte." Ele suspirou pesadamente. "E você alega que faz isso não por você, mas por mim — e por todos. Como pode ser?"

O homem zombou: "Você sabe por que sabe tão pouco sobre bruxas?"

"Nunca vi uma bruxa", respondeu Lázaro, "nem ouvi falar de uma, a não ser aquela que está escrita nas Sagradas Escrituras."

"Exatamente! Você nunca viu uma bruxa, pois caçadores de bruxas fiéis como eu mantêm o mundo livre delas. E não estou sozinho nessa justa missão. Até mesmo o clero da sua igreja se esforça para melhorar o mundo, buscando-as e destruindo-as. A maldade delas se espalha por tudo o que tocam. Fazemos o que devemos. Um caçador de bruxas não sente prazer em seu dever; ele está apenas fazendo o que é certo."

Lázaro lançou um olhar entre a bancada e a mulher morta antes de

Comentando: “Se um caçador de bruxas se esforça para livrar o mundo dos males das bruxas; e as bruxas espalham o mal por tudo o que tocam; então por que um caçador de bruxas cobiçaria as roupas e os sapatos de uma bruxa? E um caçador de bruxas não se tornará mais perverso em sua luta para matar as bruxas, quando tantas vezes ele lhes toca?”

“Por que você está tão obcecada por roupas e sapatos? Escute aqui!”, berrou o pescador. “Roupas e sapatos — sapatos e roupas! Estamos falando de bruxas. Há algo de errado com você? Você não consegue enxergar além de si mesma?”

“Eu posso.”

“Então, por favor, me honre com isso”, exclamou o homem.

Lázaro assentiu com a cabeça, ponderando o desafio. Apontou para a mulher morta entre... e perguntaram: “Em primeiro lugar, vocês se lembram do nome desta mulher?”

“Bruxa; velha; megera — qualquer nome serve tão bem quanto o outro”, respondeu o homem secamente.

Lázaro deu de ombros. “Talvez Amad Gaston, totalmente vestido com suas vestes; que é filho de Barrabás...”

Gaston deseja que ela seja anônima e esteja nua, certo?

O homem o encarou enquanto Lázaro continuava: “Mas, se essa mulher de repente recuperasse o fôlego e voltasse à vida, e fosse obrigada a dar um relato verídico de tudo o que sabia; e eu lhe perguntasse por que uma bruxa morta e nua é menos importante do que uma bruxa morta e vestida, como ela me responderia?”

“Não vai ganhar vida! E só mentiras vêm de bruxas!” O homem rosnou, levantando-se rapidamente. “Quem você pensa que é para invadir meu galpão de peixes e zombar de mim na companhia de bruxas?”

Lázaro levantou-se rapidamente, avançando alguns passos. “Fique onde está!”

O homem arrancou o próprio olho da lâmina de esfolar e desafiou Lázaro: “E se eu fizer isso?” Não? O que você fará — me matará?” Ele sorriu com desdém. “Lembro-me das regras que o prendem — Não farás —”

Lázaro abriu parcialmente as asas, abriu a boca e sibilou suavemente, de modo que o homem conseguia ver toda a extensão dos seus dentes.

O homem recuou um pouco e encostou-se à parede. “Talvez haja mais em você do que aparenta. Agora você tenta me confundir, é isso?” Ele pressionou o seu

Com os dedos pressionados contra as têmporas, ele apertou os olhos, demonstrando dor. "Como eles, você tenta semear minha mente com ideias perversas." Ele esfregou o rosto, respirou fundo e esboçou um sorriso fraco. "Contudo, você não pode usar sua maldade contra um caçador de bruxas experiente, meu glorioso Lázaro."

“Seus pensamentos são exclusivamente seus, juntamente com o mal que neles se alastra.”
És tu quem se destrói a ti mesmo.

"Silêncio", o homem cuspiu, fazendo um gesto de silêncio com a mão enquanto examinava as paredes com os olhos arregalados. "Escutem; escutem!"

“A que é que estamos a dar ouvidos?”

“*Shhh—ouçam agora —lá de além da porta!*” exclamou ele, segurando a cabeça com uma das mãos enquanto apontava o dedo indicador na direção da porta alta e esfarrapada.
“Mais uma vez, eles sussurram seus feitiços. Cubra-se! Depressa, meu bom homem voador!” O homem balbuciava palavras sem sentido enquanto batia o dedo em diferentes partes do corpo; porém, ao contrário de um padre, que poderia ter feito o sinal da cruz deliberadamente, o pescador se tocava freneticamente em todos os lugares e sem nenhuma ordem aparente — sua testa, sua costela, seu olho, seu joelho, sua língua —

"O que você está fazendo?" , perguntou Lázaro, inclinando a cabeça.

“Cuidado, Lázaro! Atente-se aos seus pensamentos diante da Maldade — essas tramas malignas das bruxas! Considere apenas pensamentos puros, para que você não seja destruído por dentro!”

Lázaro lançou olhares alternados entre a alta porta esfarrapada e o pescador, que ele encontrou. Completamente absorto em si mesmo, aparentemente determinado a tocar cada parte saliente do seu corpo, enquanto estalava os lábios e murmurava uma série de palavras indistintas que poderiam assemelhar-se à recitação de uma oração numa língua desconhecida.

“Esvazie sua mente”, aconselhou o homem a Lázaro. Ele parou de se tocar, se preparou. Com as mãos apoiadas na parede, inclinou-se para a frente, respirando profunda e constantemente enquanto instruía Lázaro: “Reúna suas forças interiores. Esse é o caminho do caçador de bruxas . Torne-se como a Espada da Verdade — como metal forjado — diante do Mal.”

Lázaro olhou para trás, para a porta exterior, que agora não lançava nenhuma luz sobre ela. limiar — a noite finalmente havia caído. Então ele olhou para o cadáver estendido sobre a mesa e para a alta porta esfarrapada antes de voltar seu olhar para o pescador, que agora estava relaxado encostado na parede, encarando-o com um sorriso.

“Eles não podem nos fazer mal algum”, assegurou ele a Lázaro, “Agora temos a proteção completa sob a poderosa armadura do Grande Criador.”

“Proteção”, perguntou Lázaro, incrédulo, “Dos mortos?”

O homem balançou a cabeça enfaticamente e levou a mão à porta esfarrapada, sussurrando com ferocidade enquanto instruía Lázaro a escutar. “Oh, eles não estão mortos, meu bom aprendiz; apenas fingem estar. Se você pretende ser um caçador de bruxas experiente como eu, então precisa conhecer os muitos truques das bruxas. Esta será a sua primeira lição de muitas. Agora escute com atenção — use esses seus ouvidos aguçados e familiarize-se com os mortos-vivos.”

Lázaro aguçou os olhos e escutou atentamente os sons vindos de trás da porta alta.

“Oh, sim”, insistiu o pescador sorridente, “Ouçam-nas claramente enquanto sussurram juntas sobre os segredos do Mal”. Ele apontou para o cadáver nu: “É ela, com a cabeça ainda decepada, que é capaz de convocar suas irmãs perversas contra nós”.

Embora Lázaro mantivesse um olhar atento sobre o pescador, sua mente estava com os ouvidos. que agora ouvia os sussurros aparentes de muitas mulheres que, juntas, sibilavam por trás da alta porta esfarrapada.” Ele avançou alguns passos e escutou com mais atenção à medida que os sons contínuos se tornavam mais nítidos. E no aparente zumbido abafado, ele captou palavras sussurradas como fragmentos de frases e, talvez, o discurso sobreposto entre bruxas sibilantes e velhas tagarelas.

Lázaro virou o rosto corado e inquisitivo para o pescador, que agora ostentava um Um sorriso tímido, como se estivesse se deleitando com a nova prova que Lázaro poderia ter reunido de repente por trás da porta alta. E, de fato, a mente de Lázaro girava num turbilhão de memórias recentes, das alegações do homem de honra, verdade, sabedoria, memória perfeita, discurso inteligente, atenção aguçada aos detalhes —

Ele deu um passo para trás, respirou fundo e dirigiu-se diretamente ao homem: "Não é o

"Sussurros de bruxas." Ele balançou a cabeça. "Conheço esse som. São apenas insetos — ninhos deles se movendo uns contra os outros."

O homem suavizou o sorriso; seu rosto endureceu como pedra e ele declarou friamente: "Insetos não falam."

"Nem os mortos", retrucou Lázaro. "Talvez, em sua mente, você tenha interpretado o ruído dos insetos como palavras de bruxas para que pudesse acreditar em bruxas quando elas não existiam?"

"Há bruxas — por toda parte — em todos os lugares!" gritou o homem, gesticulando com os braços. "Não é a minha crença nelas que as torna reais!" Ele bufou. "Nem é a sua negação que as torna irreais!"

Lázaro olhou para o cadáver nu. "Pode haver bruxas, como você diz; no entanto, não acredito que estejam aqui dentro." Ele deu um passo à frente e encarou o pescador. "Como um homem de honra, como você afirma — como um caçador de bruxas, como você afirma — pode jurar que nunca matou alguém que não fosse bruxa?"

O homem lançou um olhar furtivo para a porta esfarrapada, deu de ombros e admitiu: "Bem, como eu disse, a caça às bruxas não é precisa — às vezes, pode haver pessoas más que..." mostram todos os sinais de serem bruxas, embora — não seja exatamente isso — cacem bruxas e coisas do gênero." Ele pigarreou e suavizou o tom de voz. "Como caçadores de bruxas, temos boas intenções; e fazemos o possível para eliminá-las — para livrá-las das pessoas boas do mundo."

"Você se esforça ao *máximo*?", perguntou Lázaro.

"Nós", rosou o homem, vangloriando-se em seguida de suas habilidades: "No entanto, eu sou mais experiente, mais capaz do que a maioria."

Lázaro olhou ao redor da sala. "Onde estão os outros caçadores de bruxas?"

O homem gesticulava com os braços, olhando em volta e rindo baixinho, aparentemente incrédulo. "Estamos em toda parte, meu bom homem — espalhadas por muitas terras — sempre escondidas!" exclamou o homem. "Não nos apresentamos abertamente àqueles que possam proteger bruxas. Nossa vida é de segredos. E lembre-se de que eu não o encontrei; foi você quem me encontrou e às minhas bruxas."

Lázaro baixou o olhar para o chão, talvez sentindo como se o peso do mundo tivesse caído subitamente sobre ele. Observou o rosto do cadáver estendido sobre a mesa enquanto a voz suplicante da lavadeira de Lorde D'Alcicourt ecoava em sua mente, perguntando: 'Ó, meu Deus, o Senhor vai nos salvar?' Ele verificou novamente o umbral da porta externa, que não emitia nenhuma luz.

Então ele olhou para o pescador, que cruzou os braços, e sorriu. "Você é o primeiro a me descobrir em tantos anos. E você provavelmente será o último — pois sou um dos melhores caçadores de bruxas que existem." Ele dispensou Lázaro com um aceno casual, continuando: "Não se preocupe. Eu sempre soube que seria preciso mais do que isso." Um mero homem para me descobrir — e, sendo eu descoberta por um homem voador, só me chama de "Atenção à minha dedicação inabalável à arte de caçador de bruxas ." Ele respirou fundo e sorriu com desdém. "E acredito que o Grande Criador finalmente me recompensou — com um aprendiz voador e um caçador de bruxas excepcional. O que você acha, Lázaro? Conseguir carregar uma bruxa enquanto voa? Podemos salvar o mundo — juntos?" Ele bateu palmas uma vez, manteve as mãos unidas como em oração e aguardou uma resposta.

"Não há bruxas aqui", afirmou Lázaro. "E o que é um caçador de bruxas sem bruxas, senão um assassino comum de mulheres?"

O homem deu uma risadinha e comentou: "Vós, de pouca fé". E deu alguns passos à frente. "E se eu puder provar que existem bruxas aqui dentro, e não apenas os insetos que você diz ouvir, você acreditará em mim?"

Lázaro lançou um olhar para a porta alta e esfarrapada.

O homem assentiu com a cabeça: "Sim, ali dentro." Ele apontou para a porta. "Bem ali. Eu posso..." Mostrarei a vocês muitas bruxas e megeras, cujos males foram para sempre desfeitos. Gostariam de ver os frutos da arte da caça?

Com o peso do mundo e as palavras da lavadeira em seus olhos, Lázaro considerou tudo — o melhor que pôde. Examinou a alta porta esfarrapada, as tochas acesas na parede ao lado e o espaço ao seu redor. Finalmente, respondeu, dando um passo para trás em direção à porta gradeada da casa de peixe: "Mostre-me seus bons esforços, por favor."

"Esplêndido!" , exclamou o pescador. "Então somos caçadores de bruxas!" Ele caminhou cautelosamente em direção à porta alta, enquanto, com voz suave e severa, repreendia Lázaro: "Agora, há várias coisas que você precisa saber sobre bruxas antes que eu abra a porta." Sua própria vida pode depender disso. Você me entende?

Lázaro assentiu com a cabeça e o homem continuou: "Primeiramente, as bruxas não morrem imediatamente quando seus corpos são levados. O que quero dizer é que, até que seus traços se desfaçam completamente e elas retornem à lama vil de onde vieram, elas apenas fingem a morte. Elas ainda são capazes de tecer sua maldade sobre você — eu só percebi muito tempo depois que, quando estão juntas, seus poderes se tornam maiores do que se estivessem sozinhas. No entanto, para atenuar essa condição, um caçador de bruxas deve remover a cabeça da bruxa morta antes de colocá-la ao lado de outras de sua espécie. E cada bruxa deve ser colocada em uma ordem precisa , da mais antiga para a mais nova, do lado de fora para dentro."

"E se não forem colocados dessa maneira?", perguntou Lázaro.

O pescador apontou o dedo para Lázaro. "*Nunca* cometa esse erro, Lázaro." Eles te pegarão antes mesmo que você consiga reverter a situação."

"Então não farei isso; e eles não me pegarão", afirmou Lázaro. Ele afastou as correntes que pendiam e seguiu o pescador em direção à porta alta.

O homem girou brevemente para avisá-lo: "Seja lá o que você acredite sentir, não toque; para que não seja acometido por uma doença insuportável ou loucura."

Lázaro assentiu com a cabeça e, quando se aproximaram da porta alta, Lázaro retirou uma tocha do suporte na parede, momento em que o homem se virou bruscamente e agarrou seu braço.

"O que você está fazendo?" Por um instante, ficaram frente a frente, os olhos fixos um no outro sob a luz da tocha, orbes flamejantes de azul e castanho.

"Vou pegar a tocha enquanto você abre a porta", respondeu Lázaro.

O homem afrouxou o aperto e assentiu. "Então você é. Mesmo assim, não entre." Tenho a sua palavra?

"Não entrarei", declarou Lázaro.

"Você ainda tem muito a aprender", comentou o homem, agarrando a tranca de metal da porta e voltando-se para Lázaro. "Agora, quanto às bruxas perversas do mundo? Estão preparadas para ver o pior — o mal mais vil e imundo — contido para sempre atrás de si mesmas?" esta porta?"

Lázaro assentiu com a cabeça, erguendo a tocha. "Só se você permitir."

"Então veja só", disse o pescador, abrindo lentamente a porta alta e esfarrapada.

A porta rangeu enquanto ele revelava gradualmente mais do interior escuro da câmara. Moscas brotaram da escuridão e a chama da tocha crepitou com insetos carbonizados que caíram sobre a cabeça e os ombros de Lázaro. Um odor fétido de putrefação o envolveu; ele engasgou, deu um passo para trás e levou as mãos à boca.

O pescador deu uma risadinha, abrindo bem a porta. "É preciso ter um estômago mais forte que o seu para ser caçador de bruxas. E nós vamos trabalhar nisso." Ele agarrou o braço de Lázaro e o puxou para mais perto da soleira da porta, apontando para o interior iluminado do cômodo e sua pilha de cadáveres. "Bruxas, todas elas", disse ele, passando a mão sobre o monte em decomposição, "Da mais velha à mais nova; de fora para dentro; precisamente posicionadas e sem cabeça, como devem permanecer juntas." Ele se virou bruscamente e estalou os dedos na cara de Lázaro. "Ah! E você se lembra de uma certa velha que tinha um espírito familiar em Endor, e que era procurada pelo próprio Saul? Você não se lembra dela — essa bruxa de Endor?"

"Não me lembro dela; contudo, li sobre ela — desde o primeiro livro de Samuel."

"A mesma bruxa mencionada nas escrituras da sua fé", afirmou ele, apoiando as mãos na cintura e com um sorriso irônico. Então, deu uma risadinha e bateu no peito, gabando-se: "Ela foi a primeira bruxa que capturei". Apontou com o polegar para o interior do cômodo. "E ainda tenho a cabeça dela."

"No entanto, vocês chamam as Sagradas Escrituras de meras mentiras, escritas por homens. E afirmam não mentir. Como podem falar a verdade e afirmar ter a cabeça de uma mulher, como mencionado nas Escrituras, e ao mesmo tempo desconsiderar todo o registro das Escrituras?"

O homem baixou as mãos e ergueu a sobrancelha como que para se livrar de qualquer acusação ou implicação, respondendo: "Não descarto tudo o que está escrito em suas escrituras, meu glorioso Lázaro. Assim como não descarto completamente nenhuma outra obra escrita que os homens afirmam ser a Verdade divina. Todas as obras são ricas em história; todas estão repletas de verdades comuns. De que outra forma um escriba versado poderia mentir, senão contando verdades entre as mentiras?"

“Então você acredita que suas escrituras sagradas diriam a verdade sobre essa mulher de Endor, mas mentiriam sobre o Senhor Todo-Poderoso?”

“Exatamente, como eu disse; eu tenho a cabeça dela”, disse o homem secamente, com um sorriso irônico. “Você tem algo do seu Deus para me mostrar como prova?”

Lázaro cerrou os dentes e respirou fundo antes de repreendê-lo. "A mulher de Endor viveu há muito tempo. Não acredito em você."

O homem franziu a testa, rosnando e apontando novamente para a porta: "Eu a tenho, bem ali. E como você diz, você não acredita que eu tenha bruxas — eu as mostrarei a você. E você não acredita que eu tenha a bruxa de Endor —" ele pigarreou, "Sua incessante falta de fé em minhas habilidades começa a me irritar."

“Como você pode ter certeza de que tem a cabeça dela?”

“Já que eu realmente a tenho, é claro! Bruxas não morrem como mortais!” exclamou o homem.

“Você precisa presenciar *tudo* antes de acreditar *em qualquer coisa*?”

“Se me permite”, disse Lázaro.

“Muito bem, então.” O pescador bufou em aparente protesto. “No entanto, a partir de agora, espero que você demonstre um pouco de fé no que eu lhe ensino. Como professor e caçador de bruxas experiente, não espero que você questione cada palavra minha. Agora, dê "ilumine-me, para que eu veja o caminho." Ele puxou o braço de Lázaro, que segurava a tocha, para dentro da sala enquanto entrava, desviando-se da pilha de cadáveres e adentrando o cômodo. Ele gritou: "Na ordem em que estavam deitados, de fora para dentro, a cabeça dela é a que está mais distante. "

Lázaro viu sua oportunidade. Estendeu a mão para a borda da porta aberta, mas hesitou; seu Os dedos estendidos quase tocaram a madeira cinzenta. Ele se conteve e retirou o braço.

A voz do pescador tornou-se mais abafada e distante enquanto ele chamava do fundo do quarto escuro: "É a cabeça da própria bruxa que fingiu ser minha mãe." e que tentaram matar meu pai enquanto ele dormia."

Mais uma vez, Lázaro ergueu o braço e agarrou a borda de madeira da porta, com a intenção de fechá-la e trancá-la desta vez; contudo, seu braço não conseguiu fechar a porta. Ele fez uma careta, suspirou e recuou.

A voz do pescador era fraca, mas suas palavras foram ouvidas com clareza. "E quando enterrei meu pai, desenterrei a bruxa vil de seu túmulo—"

Lázaro estava ao lado do cadáver estendido na mesa. Percebeu o olhar vazio e recuou, aproximando-se da porta externa da casa. Inspeccionou o umbral escuro da porta, confirmando que a noite já havia caído. De repente, suas orelhas se ergueram e seus olhos se voltaram para a porta alta e esfarrapada, que agora se movia e rangia sozinha. Não havia brisa, nenhum rato, nada que pudesse fechar a porta com cuidado, mas ela continuava rangendo constantemente em suas dobradiças enferrujadas. O lento balanço de A porta finalmente ultrapassou a metade do caminho quando dedos mortalmente pálidos e unhas negras surgiram da parte de trás das tábuas verticais da porta que se movia e se tornaram visíveis à luz de velas do quarto.

Ele se preparou e sibilou quando Lucifael saiu silenciosamente das sombras que se afastavam. da alta porta enfurecida. Ela terminou de fechá-la, trancando-a delicadamente e selando o pescador lá dentro. Então, virou-se e encarou Lázaro de frente com olhos reflexivos e fixos, que lembravam orbes de vidro negro. Ela falou, sua voz multifacetada como um recital, oscilando na melodia de muitas mulheres ao mesmo tempo: "Você estava tão perto, Eljo. Mesmo assim, você simplesmente não conseguiu fechar a porta, nem mesmo para salvar a vida de outra pessoa. O que isso faz de você, Eljo? Divino? Santo? Diga-me." Será que você realmente merece esse brilho doentio do Trono sobre sua cabeça quando não tem convicção nem para fechar uma única porta escancarada, mesmo quando isso poderia salvar a vida de muitos? Sua piedade e fraqueza serão, de fato, sua ruína. Você é tão previsível, Eljo — tão fácil de ler. Por que se dar ao trabalho?

A voz abafada do pescador gritou em pânico: "O que você está fazendo, Lázaro? Abra a porta! Meu Deus, eles estão se mexendo! Estão rastejando! Abra agora, Lázaro! Agora! Eles estão de pé, sem cabeça! Não! Lázaro!"

Lucifael caminhou em direção a Lázaro. Um mar de baratas se abriu diante dela, revelando um caminho livre no assoalho para seus passos. Ela se aproximou de Lázaro, apoiando suas asas contra a porta externa e sua travessa ainda firme. Quando ele não pôde mais recuar, ela se inclinou perto de seu rosto e o repreendeu: "Você está aqui agora apenas graças à minha intervenção. Fui eu quem o salvou daquele castelo e o enviou em seu caminho. Eu fui a única responsável por seu v

Gigante suíno, crescido a partir do meu próprio cabelo. Sem a minha ajuda, você já poderia ter sido esquartejado há muito tempo — queimado até virar cinzas. Mas aqui está você, vivo e respirando, e agora completamente grato a mim por tê-lo libertado do cativoiro.”

Ela se afastou do rosto de Lázaro e examinou o cadáver igualmente nu sobre a mesa enquanto tentava continuar. “Em pagamento por tê-lo resgatado, espero que continue sua jornada até o Mosteiro de Canello, na Itália. E quando a última Pedra de Entrada sob o altar da catedral se abrir, eu o recompensarei da mesma forma. Em troca de seus serviços, concederei

“Eu te dou qualquer coisa”, interrompeu o pescador com um apelo desesperado. “Só abra a porta, Lázaro! O que você quiser — qualquer coisa! PELO AMOR DE DEUS!” Ele começou a chorar e gemer.

Visivelmente irritada, Lucifael girou e estalou as unhas na porta. Os apelos do pescador se transformaram em um grito agonizante e sufocante — um baque surdo ressoou contra as paredes internas do cômodo, e um novo silêncio se abateu sobre a casa de peixes.

Ela se voltou para Lázaro. “Quando você chegar a Canello, eu revelarei a Pedra do Portal final — você a abrirá para mim. Eu serei sua guia para a ordem das palavras da pedra e sua recitação correta.”

“Não vou chegar perto disso”, respondeu ele, encostando-se com mais força na porta. Ela avançou para cima dele. “Vá embora! Não me desrespeite nem teste minha paciência, Eljo!”

Abra a porta e alce voo, AGORA!

Ele levantou a trave e a arremessou para fora da porta.

“E não demores muito tempo.”

Lázaro adentrou a escuridão e se virou para lançar um último olhar para aquele lugar pútrido. Através da penumbra do interior da casa de peixes, percebeu que o cadáver sobre a mesa havia se movido, com o braço estendido e virado para cima, pendurado na borda, apontando em sua direção, como se tentasse alcançá-lo. Entre as sombras ondulantes e alongadas, e sob o brilho bruxuleante da fogueira sobre a mesa, o rosto morto pareceu se despedir dele com uma piscadela rápida e um sorriso sereno.

“Apreste-se!” rosnou Lúcifer atrás dele.

Ele recuou daquela cabana imunda, com a mente girando em meio a uma miríade de imagens e sons indesejáveis que sabia que poderiam permanecer para sempre confusos e terríveis demais para serem esquecidos. Percebeu que já haviam se gravado nas paredes de sua mente e poderiam assombrá-lo pelo resto da vida. Agora faziam parte dele, tanto quanto seus braços, pernas e asas. E sabia que esse era o tipo de memória que muda a mente com o tempo, para melhor ou para pior — e agora estavam dentro dele. Não podiam ser lavadas, cortadas ou arrancadas sem que ele se destruísse no processo. Como o fedor pútrido que ainda impregnava suas roupas, aquela cabana imunda agora era parte integrante dele — o que poderia até mesmo mudá-lo, se ao menos fosse possível mais do que um pouco.

Ele afastou as ervas daninhas, contemplou o céu estrelado e lançou-se para o alto, deixando um enxame de moscas ascendentes e em espiral em seu rastro. Ele circulou uma extensão de copas de ciprestes antes de subir em direção às estrelas, onde finalmente fez uma curva para o sul.

Em sua mente — de acordo com as lembranças de mapas da Abadia que estudara por muito tempo, e com a aptidão inata para navegação de qualquer ave migratória — Lázaro alinhou sua rota de voo planejada diretamente com a costa norte do Golfo de Leão. Na fria e calma noite, ele se firmou e nivelou o voo, seguindo um curso constante em direção ao distante *Monastero del Canello, na Úmbria, Itália*, onde poderia buscar um frade residente e trazê-lo de volta à região de Auvergne, na França, para fechar o portão *da Abadia dos Guardiões*, que um cardeal de Avignon, impetuoso, vingativo e insensato, usando manuscritos roubados dos arquivos apócrifos do Alto Conselho, conseguira, de forma desajeitada, porém bem-sucedida.

[Fim do Capítulo 17]



Esta obra literária foi criada exclusivamente em homenagem a

Edgar Allan Poe (1809-1849)

— Que seu legado viva em todos nós —



~[GothicNovel.Org](https://www.gothicnovel.org)~